

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CAMILA MEI JANIKIAN

**SONHOS DE GESTANTES: UMA ANÁLISE DE RELATOS ONÍRICOS SOB
A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

SÃO PAULO
2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CAMILA MEI JANIKIAN

**SONHOS DE GESTANTES: UMA ANÁLISE DE RELATOS ONÍRICOS SOB
A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Profa. Dra. Marisa Vicente Catta-Preta.

SÃO PAULO
2025

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cezar e Mariana, por me guiarem ao longo de todo o meu desenvolvimento, transmitindo muito amor durante todo o processo, e por serem grandes inspirações de força, resiliência, gentileza e valores. Por sempre acreditarem nas minhas potencialidades e batalharem diariamente para que meus sonhos se tornem realidade.

À minha irmã, Manoela, por ser minha maior companheira durante todas as fases da vida. Por me entender como ninguém e por ser responsável por meus sorrisos e risadas, mesmo diante de momentos difíceis.

Aos meus avós, meus tios e à minha prima, por sempre vibrarem pelas minhas conquistas e me proporcionarem uma base familiar sólida e cheia de afeto.

Ao meu namorado e grande amor, José Fernando, por ser meu exemplo de dedicação, mente criativa e empatia. Por estar sempre ao meu lado, compartilhar sonhos comigo e me mostrar diariamente maneiras mais leves e coloridas de enxergar e experienciar a vida.

Às minhas amigadas, por sempre torcerem por mim e nunca soltarem minha mão. Por me proporcionarem tantos momentos felizes e por serem um lar fora de casa para mim.

À Atlética, por me proporcionar inúmeras experiências universitárias e muitos aprendizados ao longo da graduação.

À minha orientadora, Marisa Catta-Preta, por ter me introduzido à abordagem junguiana na graduação e me transmitido muitos ensinamentos. Por ter abraçado e confiado na proposta deste trabalho, respeitando minhas vontades e trazendo muita leveza e afeto para todo seu processo de construção.

À professora Paula Guimarães, por ter aceitado o convite de ser parecerista desta pesquisa e por ter sido responsável por vários de meus aprendizados durante a graduação.

E, por fim, às gestantes participantes da pesquisa, que compartilharam seus sonhos, suas vivências e percepções, de forma a tornar este trabalho possível e a contribuir com a minha formação.

CAMILA MEI JANIKIAN. **Sonhos de Gestantes: uma Análise de Relatos Oníricos Sob a Perspectiva da Psicologia Analítica.** São Paulo, 2025. Orientadora: Profa. Dra. Marisa Vicente Catta-Preta.

RESUMO

A gestação é um período vivenciado por inúmeras mulheres caracterizado por alterações em seu organismo e em sua personalidade. Ao experienciar sua primeira gestação, a mulher passa a exercer um novo papel, deixando de ser apenas filha para também se tornar mãe. Diante desse cenário, retoma-se as ideias postuladas por Carl Gustav Jung, que dava destaque aos sonhos como expressão simbólica na dinâmica psíquica, onde o material onírico exerce um papel importante em meio a períodos de transição, como a gravidez. Esse trabalho buscou observar e analisar as expressões simbólicas que surgem nos sonhos de mulheres que se encontram nos 6 meses iniciais da gestação e as sensações que possuem ao acordar. Com esse intuito, foram realizados 4 encontros com mulheres grávidas primíparas que estavam no primeiro semestre da gestação. Nestes encontros, foram reunidos os relatos de seus sonhos durante esse período e as sensações e emoções que tiveram ao acordar. Posteriormente, os dados coletados foram analisados qualitativamente, de forma a destacar os temas em comuns entre as participantes e a levantar possíveis compreensões simbólicas frente às imagens oníricas.

Palavras-chave: gestação; sonhos; expressão simbólica; Psicologia Analítica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 GESTAÇÃO E AS MUDANÇAS PSICOFÍSICAS NA MULHER.....	9
2.1 Mudanças psicofísicas vivenciadas durante a gestação.....	9
2.2 Os conceitos de complexo e arquétipo materno.....	13
3 AS IMAGENS EXPRESSAS NOS SONHOS.....	17
3.1 Símbolo e a dinâmica psíquica.....	17
3.2 Análise de sonhos sob o olhar da Psicologia Analítica.....	20
4 OS SONHOS DE GESTANTES – UMA REVISÃO DE ARTIGOS.....	24
5 MÉTODO.....	33
5.1 Objetivo.....	33
5.2 Desenho da pesquisa.....	33
5.3 Hipótese.....	33
5.4 Participantes.....	34
5.4.1 Critérios de inclusão.....	34
5.4.2 Critérios de exclusão.....	34
5.5 Instrumentos da pesquisa.....	34
5.6 Procedimento.....	34
5.7 Tratamento de dados.....	35
5.8 Cuidados éticos.....	35
6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS ENCONTROS E RELATOS.....	37
6.1 Sujeito 1 – Carla.....	37
6.1.1 Aplicação da entrevista semiestruturada.....	37
6.1.2 Tabelas de registro de sonhos, com base nos relatos oníricos (8 sonhos).....	41
6.2 Sujeito 2 – Vitória.....	43
6.2.1 Aplicação da entrevista semiestruturada.....	43
6.2.2 Tabelas de registro de sonhos, com base nos relatos oníricos (7 sonhos).....	46
6.3 Análise dos sonhos coletados.....	48
6.3.1 Predominância de símbolos com água.....	48
6.3.2 Presença do materno.....	51
6.3.3 Presença de figuras familiares e aspectos ligados à infância.....	53
6.3.4 Representações de animais.....	56

6.3.5 Símbolos relacionados à destruição, invasão ou perseguição.....	57
6.3.6 Representações de diferentes tecidos.....	59
6.3.7 Possíveis representações de medos e inseguranças relacionadas à gestação.....	60
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXOS.....	67
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	67
ANEXO 2: PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	70
ANEXO 3: QUESTIONÁRIO INICIAL.....	71

1 INTRODUÇÃO

Desde pequena me caracterizo como uma pessoa repleta de sonhos. Não apenas no sentido de idealizar, planejar e cultivar inúmeros desejos voltados a realizações futuras, mas também no que diz respeito à quantidade de histórias apresentadas a mim antes de cair no sono. Lembro vividamente de duas aventuras oníricas exibidas a mim ao longo dos anos: o primeiro sonho era uma espécie de pega-pega com pessoas desconhecidas dentro de um supermercado, sendo que o pegador da brincadeira era um zumbi e os indivíduos que ele tocava se transformavam em tal criatura. Em certo momento o pegador me alcançou, fui transformada em zumbi e comecei a correr atrás dos demais jogadores também. Vale comentar que o mesmo acontecia com as outras pessoas que perdiam a brincadeira. Quando não havia mais pessoas correndo dos pegadores, o sonho recomeçava, com apenas o zumbi inicial. O segundo sonho que me marcou foi um em que eu podia voar e exercia um papel de agente secreto. Eu estava em um prédio empresarial, fugindo e lutando contra outros espões, sendo o chefe deles o meu antigo professor de Educação Física da escola. Me recordo de tentar fugir deles, mas, como eu estava apenas de meias nos pés, eu escorregava sem parar ao invés de conseguir correr, a ponto de eles quase me alcançarem. Ao chegarem perto de mim, consegui quebrar um dos vidros do prédio e escapar.

Sempre fui fascinada por essas e outras histórias apresentadas durante o sono e as imagens expressas nos enredos oníricos sempre me mobilizaram, fazendo com que eu me questionasse repetidamente sobre o sentido por trás de tais representações. Diante disso, desde o 1o semestre do curso de Psicologia, ao entrar em contato com diversas abordagens teóricas, me encantei com as ideias desenvolvidas em torno dos conteúdos presentes nos sonhos. Em meio a uma variedade de colocações sobre as expressões oníricas, vale destacar o conceito de símbolo e os conteúdos propostos pelos intelectuais da Psicologia Analítica, que trouxeram inúmeras contribuições a respeito da análise de sonhos. Assim que entrei em contato com os pensamentos de C. G. Jung e de seus seguidores, fiquei deslumbrada e obtive uma compreensão mais clara sobre as expressões simbólicas em questão.

Tendo em vista a proposta de desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso, soube desde o começo que gostaria de aprofundar meus estudos sobre as imagens expressas nos sonhos a partir da perspectiva da Psicologia Analítica. Ao pensar em um público específico, me recordei de meu interesse pela saúde da mulher e pelo período da gestação. Por muito tempo, acreditei que estudaria Medicina na universidade, especificamente as especialidades de Ginecologia e Obstetrícia, uma vez que o trabalho desenvolvido com o intuito de prevenir questões graves e promover cuidado e bem-estar para a mulher durante esse período de transformação sempre me cativou.

É importante colocar que experienciar inúmeras pressões, medos, expectativas e angústias faz parte do cotidiano da grande maioria das mulheres gestantes, sendo algo que pode afetar não só o seu bem-estar, mas também o desenvolvimento do bebê em diversos âmbitos (Da Cunha *et al.*, 2012). Logo, percebe-se a importância do cuidado diante da saúde mental da mulher durante essa fase. Considerando que na Psicologia Analítica o trabalho com imagens oníricas é um meio considerado importante para entrar em contato com os conteúdos inconscientes que se encontram na raiz de muitos medos e angústias, se debruçar sobre os sonhos pode auxiliar as mulheres a entrarem em contato com questões que não olham, mas interferem em seu processo emocional ao longo da gestação, contribuindo para seu bem-estar e possibilitando um maior conhecimento de si. Ademais, é essencial destacar a relevância dos sonhos em períodos de crise e de transição, como no caso da gravidez, uma vez que, diante da necessidade de adaptação a um novo cenário, os conteúdos inconscientes expressos nos sonhos podem ajudar a preparar o indivíduo à nova configuração e apresentar possibilidades (Gallbach, 2024).

Com base no meu interesse, busquei literaturas que se debruçassem sobre o tema e encontrei o livro “Sonhos e Gravidez”, de Marion Gallbach (2024), trabalho que inspirou a presente pesquisa. Entretanto, não encontrei outros artigos e produções que estudassem os sonhos que aparecem nessa fase da vida das mulheres sob o olhar da Psicologia Analítica, tornando este estudo ainda mais significativo. Além disso, é importante colocar que este Trabalho de Conclusão de Curso, diferente do estudo desenvolvido por Gallbach (2024), não terá por objetivo a interpretação dos sonhos das participantes devido aos limites do formato de produção e pesquisa, se voltando apenas à apresentação das imagens que surgirem, à identificação de temáticas em comum e algumas *possíveis* compreensões sob a perspectiva da abordagem desenvolvida por C. G. Jung.

Portanto, o presente trabalho visa observar e analisar as expressões simbólicas que surgem nos sonhos de mulheres no primeiro semestre da gestação e as sensações que possuem ao acordar. A fim de atingir esse objetivo, conta com dois capítulos teóricos, com dois subtópicos em cada. O primeiro abordará sobre as mudanças psicofísicas vivenciadas pela mulher durante a gravidez, visto que, nessa fase, passa por alterações em diversos âmbitos de sua existência, como em seu corpo e sua identidade, deixando de ser somente filha e construindo seu papel materno (Gallbach, 2024). No segundo subtópico, os conceitos de complexo e arquétipo materno serão apresentados, com um destaque para manifestações diferentes tanto do arquétipo da Grande Mãe, que, de acordo com Neumann (2006, *apud* Silveira, 2015) possui uma polaridade que caracteriza o que foi chamado de Mãe Bondosa e outra que define a Mãe Terrível, quanto do complexo materno, que pode ser constelado e é construído com base nas experiências da vida do indivíduo referente ao materno (Kast, 1997).

Já no começo do segundo capítulo, será definida a ideia de símbolo e a dinâmica psíquica para a Psicologia Analítica. De acordo com a abordagem teórica em questão, frente à tensão energética na psique derivada de uma posição da consciência unilateral, o conteúdo simbólico é gerado, com elementos do campo consciente e do inconsciente, para retomar a homeostase psíquica e entrar em contato com conteúdos até então desconhecidos, possibilitando sua elaboração e conscientização (Penna, 2013). No último subtópico deste capítulo, será abordada, segundo a Psicologia Analítica, a concepção sonho. Este é um material simbólico, ou seja, permite um ajustamento diante da unilateralidade da consciência (Jung, [1958] 2000). Além disso, possui um papel fundamental durante os períodos de transição, pois dá oportunidade para trabalhar com feridas e angústias do ser, permitindo que entre mais preparado na próxima fase (Von Franz, 1992).

O capítulo teórico final será destinado para a revisão de artigos que abordem sobre sonhos na gestação. Em seguida, será realizada a exposição do objetivo e descrição do método. Posteriormente, serão apresentados os resultados e sua análise e, por fim, a estruturação das considerações finais.

2 GESTAÇÃO E AS MUDANÇAS PSICOFÍSICAS NA MULHER

2.1 Mudanças psicofísicas vivenciadas durante a gestação

Ao observar o ciclo vital de inúmeras mulheres, verifica-se a existência do período gestacional, momento de transição especial que leva a transformações globais, uma vez que o contato com as novidades que acompanham esse momento exige adaptações e provocam ressignificações em relação aos âmbitos de sua existência (Gallbach, 2024). Essa fase dura, geralmente, 39 semanas e é marcada por alterações físicas, hormonais, psíquicas e sócio-familiares, cenário que impacta diretamente a saúde da gestante (Salvador e Gomes, 2020). Segundo Gallbach (2024), as gestantes experienciam o momento da gravidez de maneira singular, de acordo com a estrutura de sua personalidade e sua história pessoal. Entretanto, por mais que a vivência desse período seja influenciado pelas particularidades de cada mulher, é possível pensar em alguns fenômenos muito presentes nessa fase.

No que diz respeito às mudanças fisiológicas vivenciadas pela mulher durante a gravidez, destaque-se sua importância “[...] para que o corpo esteja preparado para acolher um outro corpo que está em desenvolvimento dentro de si” (Salvador e Gomes, 2020, p. 6). Ao longo da gestação, as mulheres experimentam alterações hormonais, podendo gerar consequências em relação a sua disposição afetiva (Salvador e Gomes, 2020). Ainda sobre essa espécie de mudança, Moreira (2017) aponta que as grávidas possuem contrações fisiológicas e podem ter sensações de náusea. Ademais, geralmente a partir do quarto mês de gestação, a mulher pode sentir os movimentos do bebê em seu útero (Moreira, 2017). As alterações vivenciadas fisicamente pela mulher são mais comuns no primeiro trimestre, porém mais perceptíveis no segundo trimestre, sendo alguns exemplos uma experiência sensorial diferente diante de cheiros e gostos, crescimento das mamas e sensação de desconforto (Szejer & Stewart, 1997, *apud* Zanatta, Pereira e Alves, 2017). Salvador e Gomes (2020) apresentam outras possíveis mudanças físicas vivenciadas pela gestante, como sonolência, aumento de peso, uma modificação no formato de seu corpo e um maior esforço para caminhar.

Além das mudanças que ocorrem nos campos fisiológico e físico da mulher, a gravidez é palco para o surgimento de um turbilhão de sentimentos. Devido às alterações hormonais vivenciadas durante esse período, é comum manifestarem uma maior instabilidade emocional, se encontrando mais sensíveis e apresentando uma maior irritabilidade diante dos estímulos (Piccinini *et al.*, 2008, *apud* Salvador e Gomes, 2020). Nota-se também que, muitas vezes, por mais que muitas mulheres se sintam felizes pelo filho que estão gestando, possuem preocupações e dúvidas sobre sua capacidade de desempenharem o papel de mães (Zanatta, Pereira e Alves, 2017). Constantemente as gestantes

desenvolvem inseguranças e medos, de acordo com Salvador e Gomes (2020); e fantasias e expectativas em torno do seu filho, segundo Borsa (2007). Moreira (2017) também aponta que, durante a gravidez, as mulheres podem sentir temores frente a sua vida conjugal e apresentar uma autoestima mais baixa diante das transformações corporais experienciadas. É importante destacar que, tais sentimentos ambivalentes podem se desenvolver ou não, uma vez que “[...] estão intimamente relacionados à história e às experiências vividas pela gestante ao longo da sua vida” (Borsa, 2007, p. 312).

Devido a esse cenário de sensibilidade emocional, expectativas, pressões e mudanças, percebe-se que os períodos da gestação e do puerpério se apresentam como fatores de risco para o desenvolvimento e agravamento de questões relacionadas à saúde mental das mulheres, sendo alguns exemplos o surgimento de quadros de ansiedade, depressão, transtornos de humor, quadros psicóticos e queixas somáticas (Costa *et al.*, 2018 *apud* Santos, Calheiros e Da Silva, 2021). Condições que podem alimentar tais questões são as possibilidades de complicações obstétricas, o processo de desenvolvimento do feto, o período do pós-parto, ansiosos relacionados à amamentação, problemas econômicos, familiares ausentes e gravidez indesejada (Verbeeck *et al.*, 2015 *apud* Santos, Calheiros e Da Silva, 2021). Costa *et al.* (2018 *apud* Santos, Calheiros e Da Silva, 2021) também aponta para a faixa etária e predisposição genética como fatores que podem contribuir para a constituição dos cenários relacionados à saúde mental das gestantes citados. Ademais, algumas possíveis consequências da vivência de quadros de transtornos mentais na gestação são a diminuição do autocuidado, o consumo de substâncias psicoativas, dificuldade na alimentação e abandono ou não adesão do cuidado pré-natal (Costa *et al.*, 2018 *apud* Santos, Calheiros e Da Silva, 2021).

É essencial destacar que, em meio a todas as alterações citadas, a mulher, em sua primeira gestação, passa por uma transformação no que diz respeito a sua identidade, uma vez que deixa de ser só filha e começa a elaborar o papel de mãe (Gallbach, 2024). Em outras palavras, observa-se que

[...] o nascimento de um filho representa não só a criação de uma nova vida, como também um passo no próprio desenvolvimento da mulher. Quando a mulher se submete de maneira adequada, ela vive um tipo de morte e renascimento e pode chegar, assim, a uma maturidade maior. Especialmente o nascimento de um primeiro filho representa “morrer” como jovem e “renascer” como mãe (Gallbach, 2024, p. 96).

Além disso, a gravidez abre portas para a elaboração de antigos conflitos de separação,

[...] promovendo uma nova fase em seu processo de se desprender (individação) das relações simbióticas originais. Assim, a gravidez não é só um período de ensaios e expectativas, mas constitui também uma fase em que velhos relacionamentos podem ser mentalmente retrabalhados, podendo ser concebida como um período de constante confronto entre a

satisfação de desejos e o reconhecimento da realidade (Borsa, 2007, p. 312).

Vale pontuar também que a sociedade atribui um valor positivo à gravidez, a posicionando como fator de bem-estar que busca atingir uma vida considerada perfeita, de forma a não deixar espaço para que as mulheres reflitam e avaliem o processo de gestar e o parir em si (Santos, Calheiros e Da Silva, 2021). De acordo com Piccini *et al.* (2008, *apud* Salvador e Gomes, 2020), verifica-se a imposição do papel de “mãe ideal” às mulheres diante da crença, difundida socialmente, de que toda mulher tem um instinto materno. Frente a essas noções e pressões sociais, as mulheres, muitas vezes, apresentam uma dificuldade em relação à manifestação “[...] de suas culpas, dos seus arrependimentos, das suas fraquezas e das suas frustrações, ficando suscetível a sofrimentos psíquicos” (Piccinini *et al.*, 2008, *apud* Salvador e Gomes, 2020, p. 8). Sendo assim, segundo Moreira (2017), percebe-se que esse período é conceituado de uma maneira muito idealizada pela sociedade, levando a uma não aceitação dos sentimentos de ambivalência e de luto devido a mudança de papéis que a mulher experiencia nessa fase. Esse quadro é outro fator que provoca a intensificação das angústias presentes durante a gestação (Moreira, 2017).

As consequências que a gravidez causa na saúde da mulher trazem não só impactos para seu bem-estar, mas também para o vínculo que ela estabelece com seu filho, algo extremamente relevante “[...] para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo saudável da criança ao longo de toda a sua vida” (Borsa, 2007, p. 311). Essa relação e sua qualidade são construídas ao longo da gestação, sendo influenciada pela alteração de papéis e de ações na vida diária, além das expectativas, abdições, atenções e preocupações maternas (Borsa, 2007). Sendo assim, para que a mulher consiga investir afetivamente no vínculo que estabelece com seu bebê, é necessário que apresente uma experiência positiva diante todos os processos que permeiam a gravidez (Borsa e Dias, 2004, *apud* Borsa, 2007). A construção de uma relação adequada entre a mulher e seu filho possibilita que esse constitua mais profundamente um sentido de si e uma autoimagem segura, algo que demonstra o impacto da saúde e investimento maternos no desenvolvimento da criança. Em outras palavras, coloca-se que

O bebê é poderosamente influenciado por este investimento emocional dos pais. Sem uma base segura estabelecida na infância, os seres humanos podem, até a vida adulta, criar e agarrar-se a uma crença de que o mundo é instável e de que eles não podem, com segurança, acreditar uns nos outros (Borsa, 2007, p. 318).

Tendo em vista os conteúdos expostos, é possível colocar que a gestação se caracteriza como um período de transição, sendo rodeado por mudanças globais, cenários de maior instabilidade,

expectativas, pressões sociais e uma continuação no processo de constituição de sua identidade. Com isso, adaptações são necessárias, de forma a preparar a mulher para a maternidade, proporcionar um amadurecimento e maior integração da personalidade, ao invés de sua desorganização, garantir seu bem-estar durante essa fase e investir no vínculo afetivo com seu bebê.

2.2 Os conceitos de complexo e arquétipo materno

De acordo com a perspectiva adotada pela Psicologia Analítica, a psique é composta por um campo consciente e um inconsciente. No que tange à consciência, Jung aponta que é formada por conteúdos sobre os quais o indivíduo sabe sobre si e com os quais se identifica. Ademais, é possível localizar um centro nesse campo, denominado pelo autor de Ego, que se constitui como a identidade do sujeito e que é responsável por direcionar um conteúdo para a luz da consciência ou para o inconsciente (Stein, 2006).

Já em relação a este último campo citado, Jung acreditava que manifestava uma subdivisão, originando o que denominou de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O primeiro mencionado possui conteúdos de origem pessoal, ou seja, elementos que vamos adquirindo ao longo da vida. O primeiro tipo de conteúdo presente nesse campo é nomeado como “esquecido”, ou seja, elementos que perderam a carga psíquica, sendo destinados da consciência para o inconsciente pessoal (Jung, 1996). Além disso, tem-se os conteúdos subliminares, que não atingiram energia psíquica o suficiente para atingir a consciência (Jung, 2011a). Por fim, é possível encontrar elementos reprimidos no inconsciente pessoal, conteúdos que o Ego não aceita ou não reconhece como parte de si (Jung 2011b). Vale destacar que, nesse campo psíquico, verifica-se a existência dos chamados “complexos”, ou seja, conjuntos de experiências de forte teor emocional que são construídas no decorrer da vida. No que diz respeito à constituição desses aglutinados, coloca-se que, ao viver certa experiência marcante, desenvolve-se na psique

[...] uma imagem mnêmica emocionalmente carregada que se associa a uma imagem arquetípica e, juntas, essas congelam numa estrutura mais ou menos permanente. Essa estrutura contém uma quantidade específica de energia e pode com esta ligar-se a outras imagens associadas para criar uma rede. Assim, um complexo é enriquecido e ampliado por experiências interiores de uma espécie semelhante (Stein, 2006, p. 56).

É importante pontuar que certas situações exteriores podem levar ao fenômeno denominado de “constelação”. Este é caracterizado por um momento psicologicamente carregado em que a consciência está sendo ou está prestes a ser perturbada por um complexo diante do contato com um estímulo externo, desencadeando frequentemente reações consideradas irracionais para tal evento. A dinâmica descrita possibilita a atualização de alguns conteúdos que compõem o complexo, além de dar oportunidade de o sujeito refletir e se debruçar sobre os elementos desse aglutinado (Stein, 2006).

O inconsciente coletivo, em contrapartida, não possui nada de origem pessoal, apresentando elementos comuns a todos os seres humanos (Jung, 1996). Nele, é possível encontrar os arquétipos

que, segundo Jung, seriam pré-disposições para a formação de imagens. Sendo assim, por mais que toda experiência seja singular, todos os indivíduos apresentam uma pré-disposição para tal experiência (Jung, 2011b). Jung (2011b) acredita que os arquétipos se apresentam como centros autônomos energéticos e são sedimentos de experiências frequentemente vivenciadas pelos seres humanos. Entretanto, também pontua que

[...] não são apenas impregnação de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como *forças* ou tendências a repetição das mesmas experiências. Cada vez que um arquétipo aparece em sonho, na fantasia ou na vida, ele traz consigo uma “influência” específica ou uma força que lhe confere um efeito *numinoso* e fascinante o que impele à ação (Jung, 2011b, p. 81, §109).

É importante retomar que há sempre um componente arquetípico no núcleo de um complexo. Portanto, ao possuir a experiência desse aglutinado de vivências de alto teor emocional no cotidiano, o indivíduo também entra em contato com tais elementos primitivos de sua psique (Stein, 2006).

Diante da ideia de que o indivíduo apresenta a potencialidade de vivenciar qualquer experiência humana, pode-se refletir sobre as expressões arquetípicas no dia a dia dos sujeitos e possíveis desdobramentos para constituição de seus complexos. Ao se debruçar sobre o arquétipo materno, percebe-se que ele se coloca como pano de fundo para o desenvolvimento do processo de crescimento do ser e de suas relações desde o início da vida. A imagem primordial em questão é derivada do arquétipo feminino, que manifesta um atributo conservador, que visa manter as coisas da forma que se apresentam, e um aspecto transformador, que caminha em direção ao crescimento e às mudanças (Neumann, [1955]2015, *apud* Campanario, 2024).

Frente a essa colocação, percebe-se a existência de polaridades nos arquétipos, característica que também pode ser verificada no da Grande Mãe. Este possui atributos considerados positivos, como o desejo de nutrir, alimentar, proteger, gerar vida, acolher, aquecer; e elementos negativos, sendo alguns exemplos seu lado mais hostil e agressivo e sua tendência de fixar e aprisionar, dificultando o desenvolvimento da independência (Neumann, 2006, *apud* Silveira, 2015). Em vista disso, segundo Jung, os aspectos do arquétipo da Grande Mãe

[...] são o maternal: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (Jung, [1919] 2018§158).

Ao considerar os atributos ambivalentes citados, os intelectuais Jung (1919 [2018]) e Neumann (2006, *apud* Silveira, 2015) apresentam uma subdivisão desse arquétipo, concedendo a expressão de suas características consideradas positivas à Mãe Bondosa e seus aspectos mais negativos à Mãe Terrível. No cotidiano, é possível encontrar representações de tais polaridades: a Virgem Maria e a Sofia, como figuras que carregam a imagem arquetípica da Mãe Bondosa, e a Górgona e bruxas más, como retratos da imagem arquetípica da Mãe Terrível.

Logo, é possível se deparar com inúmeras representações do arquétipo da Grande Mãe ao longo da história em figuras religiosas, sonhos, produções artísticas, fantasias e mitos. Ao focar nas narrativas mitológicas, têm-se o enredo das deusas Deméter e Perséfone, em que é apresentada a potencialidade geradora do arquétipo mencionado e é trabalhado suas ambivalências, como as polaridades nascimento-morte, transformativo-conservativo (Campanario, 2024). Também se encontram expressões simbólicas do arquétipo materno em figuras graciosas ou malévolas, em familiares da vida pessoal, na Lua, na terra e nas águas, por exemplo (Jung, [1959] 2014, *apud* Campanario, 2024; Neumann, 2006, *apud* Silveira, 2015). Todavia, é essencial destacar as imagens arquetípicas da Grande Mãe não se restringem aos exemplos levantados, podendo ser interpretados como elementos belos ou nefastos a depender da história de vida de cada indivíduo.

Além das possíveis expressões do arquétipo da Grande Mãe mencionadas, é importante colocar que, dependendo das experiências do indivíduo, há diferentes estruturas e manifestações do complexo materno, constituído não só com base na relação com sua mãe pessoal, mas também por tudo que se vivencia como materno (Kast, 1997). Kast (1997) utiliza o termo “complexo originalmente positivo” com o intuito de indicar que o aglomerado psíquico em questão apresentou uma influência favorável ao desenvolvimento do sujeito. O complexo materno originalmente positivo tem origem na satisfação das necessidades do indivíduo quando pequeno; no cuidado; na segurança; em ter uma figura que se dedique a criança, que lhe dê atenção, o acolha e o nutra; no envolvimento do amor materno; e na não imposição de desejos e expectativas. A partir desse contexto, o ser manifesta um sentimento de direito à existência e de ser interessante; consegue colocar suas emoções e receber a de outras pessoas; identifica a riqueza da vida; é seguro de si; e se apresenta como um sujeito fantasioso, criativo, amável e generoso, por exemplo (Kast, 1997).

Todavia, as pessoas que desenvolvem um complexo materno originalmente positivo passam por processos de separação com maior dificuldade, além de estarem buscando incessantemente por parceiros que cumpram seus desejos (Kast, 1997). Também é essencial pontuar que, para que o complexo materno continue exercendo uma influência positiva na vida do ser, este deve passar por um processo de desligamento em relação ao complexo em questão, uma vez que, segundo a autora:

Complexos que foram inicialmente experienciados inteiramente como promotores de vida podem-se mostrar em seguida como inibidores, quando não se efetua um desligamento adequado à idade. O complexo materno originalmente positivo pode ter um efeito absolutamente "negativo" (Kast, 1997, p. 41).

Sendo assim, o indivíduo deve lidar com seu complexo materno, processo incentivado pela mãe pessoal e pelo contato com imagens arquetípicas do materno, de maneira que o retire de uma relação simbiótica com a mãe e permita que desenvolva, em sua psique, o complexo do eu, ou seja, sua identidade, autenticidade e autoestima. Caso isso não seja possível, e o ser permaneça dependente e ligado ao complexo materno originalmente positivo, não conseguirá investir no fortalecimento de seu Ego, podendo manifestar uma imaturidade, uma grande necessidade de aceitação e afeto e uma projeção de suas frustrações relacionados ao materno em um parceiro, por exemplo (Kast, 1997).

Outro ponto a ser levantado é que o sujeito pode apresentar um complexo materno originalmente negativo, de acordo com suas vivências. O contexto de estruturação desse complexo comumente inclui decepções voltadas a figuras maternas; um espaço materno que não conseguia atender às necessidades da criança, que não dava segurança e atenção aos filhos; e mães que não conseguiram se desligar de seu próprio complexo materno originalmente negativo. Como consequência, o indivíduo pode demonstrar um sentimento de solidão e de que deve batalhar por tudo na vida; a crença de que são pessoas ruins; uma perspectiva negativa diante do mundo; uma expectativa de ser constantemente deixado de lado e maltratado; uma dificuldade no estabelecimento de relações; problemas de autoestima; desconfiança e medo; distúrbios psicossomáticos e narcisistas. Ademais, é comum que tente buscar a conquista da autoestima e do sentimento de ser digno de amor através do trabalho e que possua maiores obstáculos no processo de desenvolvimento de sua identidade (Kast, 1997).

3 AS IMAGENS EXPRESSAS NOS SONHOS

3.1 Símbolo e a dinâmica psíquica

Tendo em mente a estrutura e dinâmica psíquicas postuladas por Jung, é necessário pontuar que se verifica momentos em que a consciência apresenta uma posição muito unilateral, levando a um desacordo entre esse campo psíquico e o inconsciente no que tange a seus conteúdos e tendências e gerando, conseqüentemente, uma intensa tensão energética entre eles. Diante do cenário descrito, o mecanismo de autorregulação da psique entra em ação com o intuito de restaurar a homeostase psíquica e equilibrar as forças opositoras. Com isso, há um movimento de aproximação entre o consciente e o inconsciente e, por meio da função psíquica denominada transcendente, observa-se a formação de um terceiro elemento, chamado pelo pai da Psicologia Analítica de “símbolo”. Este é um produto psíquico forjado pela tensão energética mencionada e é composto por conteúdos em oposição da consciência e do inconsciente, tanto pessoal quanto coletivo (Penna, 2013).

Primeiramente, é necessário estabelecer uma diferenciação entre um signo e um símbolo. A primeira categoria mencionada se refere a um elemento derivado de uma atividade psíquica deliberada, ou seja, consciente. Já o símbolo, segundo o conceito elaborado por C. G. Jung, é uma imagem que expressa uma experiência espontânea da psique cujo significado não é disseminado por uma linguagem racional, consciente. Os produtos simbólicos carregam seus conteúdos por meio de analogias ou parábolas, não sendo imediatamente acessíveis, e dispõem de “[...] leis e estruturas próprias que correspondem às leis estruturais da emoção e do conhecimento intuitivo” (Whitmont, 1998, p. 19). Essas imagens apresentam um papel compensatório frente a uma unilateralidade da consciência, de forma a trazer para o campo em questão novos aspectos complementares, até então desconhecidos (Whitmont, 1998).

O símbolo desempenha algumas funções na dinâmica psíquica, que, segundo a Psicologia Analítica, são três: a conectiva, a reveladora e a transformadora. A primeira diz respeito à formação de uma síntese entre os conteúdos opostos da consciência e do inconsciente. A segunda fornece um perfil revelador ao símbolo, uma vez que ele traz elementos até então desconhecidos pelo campo consciente. Por fim, a função transformadora é responsável por converter a energia e o conteúdo psíquico inconsciente em consciente. Ela é acompanhada por uma outra função que muitos autores denominam de substitutiva. Esta promove a substituição de uma expressão ou imagem por outra seguindo uma lógica de semelhança ou analogia (Penna, 2013).

Entretanto, é essencial destacar que a retomada da homeostase não é o único efeito proporcionado pela criação dos símbolos. Vale apontar que, de acordo com Jung,

Todo evento psíquico é forjado numa relação causal e final, ou seja, ao mesmo tempo que o símbolo é causado por uma situação de tensão energética, ele é também fruto de uma relação de finalidade, isto é, tem um propósito teleológico de conduzir a psique a níveis mais complexos de desenvolvimento. De forma mais pontual, o símbolo tem a finalidade de oferecer à consciência a oportunidade de ampliação pela integração dos opostos em tensão (Penna, 2013, p. 176).

O intelectual em questão apontava que a expressão simbólica é a única maneira de o inconsciente se manifestar na consciência. Em outras palavras, é possível, através do símbolo, promover a transformação de um conteúdo, até então desconhecido, em conhecido, como comentado anteriormente (Penna, 2013). Sendo assim, a produção de expressões simbólicas como sonhos, fantasias, sintomas e expressões artísticas

[...] tende a complementar o ponto de vista isolado do consciente que faz abstrações não apenas em termos de conteúdo - trazendo a tona temas e assuntos que a mente consciente menosprezou - mas também em termos de qualidade - fazendo isso em imagens em vez de conceitos, tentando assim nos conectar novamente com um modo de vivência do qual, para nosso enorme perigo, nos tomamos separados (Whitmont, 1998, p. 28).

Além disso, a partir do momento em que o Ego se debruça sobre tal elemento psíquico, é possível promover o processo de elaboração simbólica, que permite a compreensão do significado e do valor dos conteúdos que compõem o símbolo, ou seja, sua conscientização. Como consequência, há uma integração desses conteúdos na consciência, levando a uma ampliação dela (Jung, [1958] 2000). Vale colocar também que o símbolo surge a partir do contexto em que o indivíduo se encontra naquele momento, trazendo conteúdos importantes sobre sua vivência atual, o que ressalta novamente a relevância de se engajar no processo de elaboração simbólica (Penna, 2013).

Considerando as polaridades em oposição, como tese e antítese, o símbolo representa a síntese alcançada pela totalidade. Essa síntese contém aspectos da tese e da antítese, ou seja, elementos conscientes e inconscientes. E os elementos inconscientes presentes no símbolo constituem aquilo de que a consciência necessita, nesse momento, para alcançar um nível de integração mais complexo e mais adequado para a situação geral em que se encontra. A necessidade de adequação diz respeito tanto ao ambiente interno (inconsciente) quanto ao ambiente externo (vida existencial, relacional) (Penna, 2013, p. 168).

Com isso, percebe-se a relevância de se debruçar sobre os conteúdos simbólicos produzidos pela psique dos indivíduos. A partir da amplificação das imagens em questão, é possível entrar em contato com elementos que dizem respeito ao cenário atual vivenciado pelo sujeito e que levantam novas perspectivas que se encontravam no inconsciente. Esse movimento permite que a pessoa amplie

seu conhecimento sobre si, diminuindo a polarização entre os campos psíquicos.

3.2 Análise de sonhos sob o olhar da Psicologia Analítica

Após compreender todo o conceito que Jung postulou sobre símbolos, é possível pensar sobre a visão que a Psicologia Analítica apresenta sobre os sonhos. Catta-Preta (2009, 2023), por meio da articulação das ideias de Jung e seus sucessores, afirma que os sonhos são manifestações espontâneas e simbólicas derivadas do inconsciente, seguindo leis de tempo e espaço diferentes da vida desperta. Cada elemento presente no sonho é uma representação de um aspecto da psique do indivíduo, podendo ser personificações, de maneira simbólica, de emoções, pensamentos e complexos, por exemplo (Von Franz, 1992). Ao se debruçar sobre eles por meio da análise, o sujeito consegue decifrar os significados por trás das imagens existentes e descobrir onde ele se encontra no que tange ao campo do inconsciente, que pode ser diferente de suas concepções conscientes momentâneas, propiciando novas compreensões (Catta-Preta, 2009).

Se quisermos interpretar um sonho corretamente, temos de possuir um conhecimento acurado da consciência nesse preciso momento, porque o sonho encerra o seu complemento inconsciente, ou seja, o material constelado no inconsciente em correlação com o estado momentâneo da consciência. Sem este conhecimento, é impossível interpretar um sonho de maneira correta e satisfatória — a não ser, naturalmente, por um feliz golpe do acaso (Jung [1958] 2000, §477).

De acordo com Von Franz (1964, *apud* Catta-Preta, 2009), os sonhos são responsáveis tanto por restaurar o equilíbrio psíquico do indivíduo quanto por contribuir com o processo de individuação, ou seja, com seu desenvolvimento psíquico. Isso se dá, pois o Self, centro regulador e unificador da psique, envia mensagens através dos sonhos que contêm conteúdos sobre os quais o ego não conhecia e integrá-los na consciência leva a uma maior compreensão do caráter particular da existência do ser. Em outras palavras, os sonhos indicam não só os conteúdos que causam uma desarmonia psíquica, possibilitando que o indivíduo se debruce sobre esses elementos, mas também sua potência para resolver os problemas diários de forma criativa. Com isso, durante os sonhos, as pessoas acordam para questões essenciais contidas no inconsciente e que devem ser integradas na consciência para que o indivíduo possa ter um conhecimento integral de si-mesmo, com as duas perspectivas a serem sintetizadas e elaboradas para um maior enriquecimento do ego (Von Franz, 1992).

O inconsciente é aquilo que não se conhece em determinado momento, e por isto não é de surpreender que o sonho venha acrescentar à situação psicológica consciente do momento todos aqueles aspectos que são essenciais para um ponto de vista totalmente diferente. É

óbvio que a função do sonho constitui um ajustamento psicológico, uma compensação absolutamente indispensável à atividade ordenada. No processo consciente de reflexão é necessário que, enquanto possível, tenhamos em mente todos os aspectos e conseqüências de um problema, de modo a encontrar a solução corrente. Este processo prolonga-se automaticamente durante o estado mais ou menos inconsciente de sono, onde, como nos parece mostrar nossa experiência atual, se apresentam ao sonhador — quando nada, apenas por alusão — todos aqueles pontos de vista que durante o dia foram insuficientemente considerados ou totalmente ignorados, isto é, que se mantiverem mais ou menos inconscientes (Jung [1958] 2000, §469).

Além disso, mesmo quando os sonhos não são inseridos em um processo de análise, podem proporcionar um bem-estar psíquico, observado durante o despertar do sujeito (Jung, [1957] 2013). Porém, ao colocar as produções oníricas em análise, é possível educar os sonhadores, permitindo que escutem sua voz interior. Com esse intuito, é necessário encarar as imagens oníricas de acordo com uma perspectiva causal e final, remontar os precedentes do sonho e não se ater aos conteúdos manifestos nos sonhos, visto que representam simbolicamente outra ideia (Jung, [1958] 2000). Ademais, é importante que o sonhador não interprete os próprios sonhos, tendo em vista que essas manifestações trazem aspectos que desconhece sobre si e ter a atitude de trabalhá-los sem a ajuda de um analista pode levar a uma projeção ao conteúdo do sonho aquilo que já sabe, causando uma compreensão equivocada (Von Franz, 1992)

Vale pontuar que os sonhos estão relacionados com a memória, possibilitando ao sujeito reviver emoções de eventos passados e conseqüentemente elaborar conteúdos psíquicos, e podem indicar o direcionamento atual da energia psíquica da pessoa (Catta-Preta, 2009). Segundo Jung (1991), para obter uma visão mais abrangente dos conteúdos representados nos sonhos, é necessário produzir uma interpretação tanto no nível do objeto, identificando conteúdos que convergem com o mundo externo como tal, quanto no do sujeito, ou seja, enxergar os elementos presentes nas construções oníricas como partes do indivíduo. Também é importante que o analista deixe as preconcepções de lado para elaborar uma interpretação singularizada para o seu paciente. Ao possibilitar uma interpretação coerente dos sonhos, com a ajuda da amplificação do paciente diante dos conteúdos oníricos, os símbolos vão se alterando em conjunto com a vida emocional do sonhador, gerando um enriquecimento consciente (Jung, [1916] 2013)

Além disso, Von Franz (1992) aponta que os sonhos são diferentes dependendo da fase da vida que a pessoa se encontra. Atualmente, em momentos de transição, por exemplo, os sonhos entram no lugar dos rituais, que anteriormente ajudavam os indivíduos a passarem por tais períodos de passagem e mudanças. Tendo em vista que muitos rituais acabaram perdendo sua força na modernidade, os sonhos entram como um substituto fundamental, de forma a possibilitar um trabalho

diante das feridas e angústias do sujeito para que o sujeito consiga passar para a próxima fase (Von Franz, 1992).

De acordo com os intelectuais da Psicologia Analítica, a estrutura dos sonhos é similar à de uma narrativa. Na primeira parte das produções oníricas, chamada de introdução ou exposição, o cenário e o problema do sonho são apresentados e, por meio das associações do sonhador, pode-se delimitar a temática presente. Em um segundo momento, ocorre o desenvolvimento da narrativa do sonho, caracterizado pela construção da ação do enredo, ou seja, pelo desenrolar dos acontecimentos e do movimento das figuras representadas. Durante o progresso do episódio onírico, é possível observar a presença de um clímax, ou seja, de uma reviravolta na história por conta de um evento inusitado. Por fim, tem-se a parte final do sonho, denominada “lyse”, que coloca a solução inconsciente para o problema presente na história, sendo o pedaço que, por conter possibilidades de elaboração, deve ser conscientizado. A ausência de tal finalização no sonho é uma indicação de que o inconsciente ainda está elaborando o conflito (Von Franz, 2010, *apud* Catta-Preta, 2023).

Ao se atentar aos sonhos, além de perceber uma certa estrutura, verifica-se que podem apresentar algumas funções frente à psique e à vida do indivíduo. A principal delas é a compensação, uma vez que, como pontuado anteriormente, os símbolos surgem para compensar uma posição consciente unilateral, de forma a possibilitar a apresentação de um outro aspecto e a um consequente equilíbrio da psique. Outra função que o sonho pode exercer é a prospecção, que indica que tais conteúdos combinam elementos dos campos consciente e inconsciente para pontuar um possível prognóstico da situação retratada, que pode acontecer ou não. A reativação é outra função das narrativas oníricas, caracterizada pela repetição do tema dos sonhos ao longo de uma série deles. Os sonhos traumáticos são um exemplo de expressões oníricas que se repetem. Isso ocorre, pois os eventos traumáticos carregam uma intensa carga emocional, sendo essencial integrá-los e elaborá-los no campo consciente (Jung [1957] 2013); (Jung, [1916] 2013).

Por fim, é necessário colocar que, segundo a perspectiva da Psicologia Analítica, é possível identificar diferentes tipos de sonhos. Em relação a esse tópico, nota-se que os produtos oníricos manifestam importâncias diferentes, sendo separados em dois grupos: os "grandes sonhos" e os "pequenos sonhos". O primeiro mencionado, também chamado de sonhos “significativos”, permanece fixado na memória do indivíduo, uma vez que traz imagens arquetípicas, gerando um impacto no sonhador (Jung, [1916] 2013). Os conteúdos arquetípicos estão presentes nos grandes sonhos, pois abordam um aspecto da personalidade do sujeito que ainda não foi desenvolvida e está para se formar, sendo produções oníricas muito presentes na infância e em períodos importantes da vida e de transição. Já o segundo tipo de elaboração onírica mencionada, denominado também de “sonhos banais”, carrega elementos derivados do inconsciente pessoal da pessoa e sua significação

se limita aos eventos do seu cotidiano, não carregando um efeito tão numinoso para o ser, quando comparado à expressão de elementos arquetípicos (Jung, [1958] 2000).

Ademais, tem-se outros tipos de sonhos: os traumáticos, relacionados a um evento traumático que precisa ser integrado na consciência, e os de prognóstico (Jung, [1916] 2013). Von Franz (1991, 2010, *apud* Catta-Preta, 2023) também acrescenta para a lista os sonhos telepáticos, cuja compreensão é possibilitada pela ideia de sincronicidade e o pesadelo. Este é entendido como uma produção onírica que provoca a interrupção do sono do indivíduo de forma a levá-lo a se atentar a questões urgentes (Catta-Preta, 2012, *apud* Caruso, 2022). Isso ocorre, uma vez que as narrativas oníricas em questão despertam o sonhador diante de um elemento que o inconsciente quer que se atente urgentemente (Von Franz, 1992). Os pesadelos, também chamados de sonhos reativos, são caracterizados por elementos emocionais intensos, muito frequentemente relacionados a conteúdos traumáticos (Caruso, 2022).

4 OS SONHOS DE GESTANTES – UMA REVISÃO DE ARTIGOS

Tendo em vista a temática deste Trabalho de Conclusão de Curso e os tópicos já abordados, procurou-se encontrar pesquisas realizadas ao longo dos anos que buscaram investigar o período do sono das gestantes e aspectos relacionados aos sonhos observados durante a gravidez. A busca por artigos foi realizada na plataforma PubMed, sendo que foram utilizadas as seguintes palavras-chave: *dreams pregnancy primiparous psychology*; *dreams pregnancy psychology*. A partir das palavras-chaves mencionadas, foi possível encontrar 5 artigos, escritos na língua inglesa, que discorressem sobre a temática citada.

A pesquisa de Dagan, Lapidot e Eisenstein (2001) procurou investigar se os sonhos de gestantes possuíam temas voltados para a gravidez, visto que apresentam conteúdos carregados de carga emocional; e se refletem maiores níveis de ansiedade. Também buscou entender se as produções oníricas na gestação possuem um maior processamento primário de pensamento por conta de um rebaixamento de defesa psíquica e uma substituição do princípio da realidade pelo de prazer ou se isso ocorre devido ao estresse, fazendo com que esse período seja caracterizado pela imaturidade, imprevisibilidade e perturbações cognitivas. Tendo em mente as hipóteses levantadas, os autores trabalharam com um grupo experimental, composto por 10 gestantes primíparas que apresentavam entre 25 e 37 anos, um alto nível de escolaridade e de 1 a 7 anos de casamento; e um grupo controle, formado por 11 mulheres que nunca engravidaram, que tinham entre 23 e 32 anos, um alto nível de escolaridade e até 3 anos e meio de casamento. Nenhuma das participantes manifestava uso de medicamentos ou distúrbios de sono. Inicialmente, foi aplicado um questionário com as voluntárias para identificar possíveis transtornos relacionados ao sono e, posteriormente, foi solicitado que anotassem, durante 2 semanas, seus sonhos assim que acordassem. As narrativas oníricas coletadas foram submetidas a três avaliações: *The Incorporation Scale*, que verificava a presença de temas nos sonhos relacionadas à gestação; *The Gottschalk-Gleser Anxiety Scale*, que verificava os níveis de ansiedade; e *The Auld, Goldberg and Weiss Primary-Process Thinking Scale*, que classificava a sequência dos fatos presentes no sonho entre lógicos e acontecimentos absurdos e irracionais.

Após o período estipulado, 53 sonhos foram coletados no grupo experimental e 68 no grupo controle. Ao se debruçar sobre esse material, Dagan, Lapidot e Eisenstein (2001) apontaram que as produções oníricas do primeiro grupo citado apresentaram conteúdos voltados para a gestação, o bebê, a criança e o corpo da mulher e do seu filho. De acordo com os autores, a representação de tais elementos podem estar relacionada ao processo de elaborar certas experiências possibilitado pelos sonhos. Ambas as amostras de participantes possuíam narrativas oníricas com temáticas sobre família e seu parceiro, algo que pode ter acontecido devido às participantes terem durações de

casamento relativamente próximas. Diferente do observado nos conteúdos dos sonhos, não foi possível verificar diferenças entre os dois grupos no que tange aos níveis de ansiedade e de processamento primário do pensamento. Frente a esses resultados, os pesquisadores colocam que a gestação não necessariamente é caracterizada como um período traumático, o que pode explicar a ausência de divergência nos quadros de ansiedade, e que não estimula o tipo de processamento de ideias mencionado. Também aponta que as participantes manifestaram uma dificuldade de lembrar e reportar sonhos com temáticas que giram em torno da ansiedade, outra possível explicação para o resultado alcançado. Ao final do artigo, os autores levantam que a ideia de que as gestantes apresentariam um maior nível de ansiedade está ligada à representação social de que a mulher vivencia períodos irracionais e são influenciadas por mudanças hormonais, além de poder estar relacionada à concepção de que a gestação se classifica como um período de crise. Frente ao cenário descrito, os pesquisadores apontam para a necessidade de desenvolver mais estudos sobre a imagem cultural da mulher.

A pesquisa de Mancuso *et al.* (2008) também trabalhou com os conteúdos representados nos sonhos das gestantes, porém buscando analisar se a frequência e os elementos presentes neles estão relacionados com as condições sociodemográficas, obstétricas e com a relação médico-paciente das participantes. Além disso, procurou verificar se os quadros emocionais das gestantes são representados nos sonhos e se existe alguma correlação entre as produções oníricas e a duração do parto. Tendo em mente o objetivo descrito, os autores aplicaram, com 290 gestantes que se encontravam nas 35 ou 36 semanas da gravidez, um questionário para obter os dados sociodemográficos, como idade, estado civil e profissão; informações obstétricas, para entender se tinham vivenciado outras gestações ou complicações nesse período, por exemplo; e investigar a relação entre as participantes e seus obstetras. Os dados coletados pelo formulário foram analisados pela “The Hamilton Rating Scale for Anxiety” (HAM-A) e “The Montgomery–Asberg Depression Rating Scale” (MADRS), com o intuito de observar os níveis de ansiedade e o estado emocional das participantes, respectivamente. As voluntárias também foram instruídas a anotar seus sonhos a acordarem e a entregarem esse material, junto aos questionários respondidos, em 15 dias. Os conteúdos oníricos foram classificados em agradáveis ou masoquistas, sendo que essa última descrição seria composta por produções que apresentassem uma representação negativa da participante, desconfortos, desapontamentos, machucados, punições e abandonos, por exemplo. A duração do parto das participantes que tiveram parto normal foi registrada e analisada em relação à presença e ao tipo de sonhos. Ao final da coleta de dados, as informações de mulheres que passaram por uma cesárea anteriormente, que manifestaram transtornos psiquiátricos ou neurológicos e que

induziram o parto foram excluídas, levando a uma amostra de 248 participantes. Os dados resultantes desse processo foram analisados pelo pacote do software SPSS 13.

Ao reunir as informações obtidas, os autores separaram as participantes em um grupo que apresentou sonhos, composto por 160 voluntárias, e outro que não teve sonhos nesse período. Nos resultados, Mancuso *et al.* (2008) verifica uma associação entre uma maior presença de sonhos nas mulheres com idade maior de 35, nível de escolaridade elevado, média ou alta renda familiar, boa relação com o obstetra, que tiveram controle pré-natal e que pensavam frequentemente no momento do nascimento. Ao focar no grupo das sonhadoras, os autores perceberam que em 90 voluntárias os sonhos se classificavam como masoquistas, sendo que os tipos de sonhos das participantes apareceram associados à idade, a terem vivenciado um aborto prévio, ter uma boa quantidade de informações, preferência por parto normal e pensar no próprio parto. Comparando os dois grupos, os pesquisadores observaram que não havia diferença entre mulheres que apresentaram sonhos agradáveis e masoquistas e os níveis de ansiedade dos dois grupos, dado complementar à pesquisa de Dagan, Lapidot e Eisenstein (2001), que trabalhou com um grupo de gestantes e outro de não gestantes, não investigando os níveis de ansiedade dentro de cada amostra. Enquanto isso, ao focar nos níveis de depressão, foi possível identificar níveis mais elevados nas voluntárias que tiveram produções oníricas masoquistas. Vale pontuar que a duração do parto das mulheres que tiveram sonhos classificados como masoquistas foi menor do que as que apresentaram sonhos agradáveis.

Tendo em vista os apontamentos realizados, Mancuso *et al.* (2008) discute que a maior presença de produções oníricas na gestação está relacionada a mudanças vivenciadas nesse período, sendo que o tipo de sonho mais frequente na amostra desse estudo foi o classificado como masoquista. Os autores acrescentam que os conteúdos dos sonhos são influenciados pelo estado emocional das gestantes, com exceção de quadros de ansiedade, que, segundo os pesquisadores, vão provavelmente se intensificando conforme a gravidez vai terminando, o que explicaria a ausência de diferença em relação aos dois grupos analisados. No que tange aos níveis de depressão elevados em mulheres mais jovens, os autores levantam a hipótese de estar relacionado a maior incidência de transtornos depressivos nessa faixa etária ou a existência de uma reação menos desenvolvida frente a um acontecimento que pode causar estresse, como a gravidez. Ademais, Mancuso *et al.* (2008) coloca que sonhos desagradáveis apresentaram associações com a participante possuir menos de 35 anos, pensamentos frequentes sobre o parto e informações corretas sobre a gestação. Os pesquisadores também apontam que as mulheres que tiveram sonhos masoquistas manifestaram uma menor chance de desenvolver depressão pós-parto, uma vez que, de acordo com os autores, tais conteúdos oníricos negativos podem ter preparado as gestantes emocionalmente para futuros acontecimentos. Ao final, os autores concluem afirmando que os sonhos e seu conteúdo podem ser um material relevante para

profissionais da saúde para investigar o estado emocional das gestantes e prever possíveis repercussões, de forma a contribuir para o fortalecimento psicológico das mulheres nesse período, sendo essencial desenvolver mais estudos sobre a temática.

Já a pesquisa elaborada por Lara-Carrasco *et al.* (2014), buscou comparar um grupo de gestantes primíparas com um de mulheres não grávidas, considerando o quanto cada conjunto de participantes lembrava de sonhos, sonhos negativos e pesadelos ao acordarem. Além disso, o estudo em questão procurou contrastar os dois grupos, investigando se encontrava relações entre sonhos com conteúdos negativos nas participantes e outros indicadores de sono perturbado. Tendo esse objetivo em mente, as autoras reuniram, após entrevistas por telefone, 57 gestantes primíparas, que apresentavam entre 24 e 32 anos, e 59 mulheres que não estavam grávidas e que tinham entre 22 e 31 anos. Todas as voluntárias apontaram se lembrar de no mínimo um sonho por semana, relataram não manifestar transtornos severos de sono nem psiquiátricos e não tomavam medicamentos que afetava seu sono. As participantes responderam a um questionário demográfico, que coletava dados a respeito de sua idade, profissão, família, nível de escolaridade e em qual semana da gestação se encontravam. Ademais, responderam às escalas “Edinburgh Post Natal Depression Scale” e “Beck Depression Inventory-Short Form”, que buscavam identificar sintomas depressivos em gestantes e não gestantes, respectivamente; e a um item do “Sleep Disorders Questionnaire”, que investigava sentimentos de tristeza e depressão ao dormir. Ao longo de 14 dias consecutivos, as voluntárias registraram até 3 sonhos por noite e responderam perguntas sobre sono e sonhos, como o número de vezes que despertam ao longo do sono. Os dados coletados sobre os sonhos em cada grupo foram submetidos a uma análise multivariada de covariância e as informações sobre seu sono a uma análise de covariância.

A partir dos dados levantados, Lara-Carrasco *et al.* (2014) coloca que as gestantes manifestaram recordar mais retrospectivamente dos seus sonhos e prospectivamente de seus sonhos disfóricos e pesadelos quando comparadas às mulheres não grávidas. Por mais que ambos os grupos tenham reportado a presença de sonhos disfóricos ao longo dos 14 dias, as participantes grávidas apresentaram mais desse tipo de sonho em uma mesma noite em relação ao outro conjunto de voluntárias. As gestantes também indicaram uma qualidade pior de sono e um número maior de despertares noturnos, mas não se diferenciam das não grávidas em relação à quantidade de sono. Vale colocar que, através da análise de dados, foi possível encontrar uma correlação para grávidas entre pior qualidade de sono e maior quantidade de recordações de sonhos disfóricos e pesadelos. Sendo assim, as autoras concluem que o final da gestação é um período em que se nota um maior número de sonhos disfóricos e pesadelos. Por mais que os dados desse estudo converjam com os da literatura existente sobre pior qualidade de sono e um número maior de despertares noturnos em mulheres

grávidas do que não gestantes, tais variáveis não aparentam estar relacionadas à presença de sonhos disfóricos.

Lara-Carrasco *et al.* (2014), indicam que o número maior de despertares noturnos pode ser influenciado pelo sono REM e não REM ou pelo aumento do número de cortisol com o passar da gestação, uma vez que a quantidade de tal hormônio aumenta no momento do sono REM e que as emoções e imagens estão mais intensas, dois aspectos que precisam ser mais investigados. Por fim, as autoras levantam as limitações da pesquisa, sendo elas a impossibilidade de generalizar os dados para todas as gestantes e a utilização de apenas medidas subjetivas para avaliar o sono. Também indicam que programas de saúde da mulher podem se beneficiar ao perguntar sobre distúrbios do sono e sonhos disfóricos e que seria interessante avaliar o sono através de exames de laboratório, os níveis de cortisol durante esse período noturno e o conteúdo presente nos sonhos disfóricos, que podem indicar uma relação entre preocupações e ansiedades vivenciadas na gravidez e a presença de sonhos disfóricos nessa fase.

O estudo de Spinoni *et al.* (2024) buscou verificar quais aspectos atrelados à gestação podem prever características dos sonhos, como frequência de pesadelos e a intensidade do teor emocional nos conteúdos oníricos, ao longo dos primeiros três meses dessa fase. Além disso, procurou observar divergências entre os atributos dos sonhos de mulheres grávidas com e sem alexitimia e se tal condição influencia a relação entre níveis de depressão, qualidade do sono e características das narrativas oníricas. Com esse intuito, os autores trabalharam com 118 mulheres com idades entre 19 e 45 anos, que falassem italiano e que estivessem no primeiro trimestre da gestação. As participantes responderam alguns questionários para coletar dados sociodemográficos e gestacionais; “The Italian Mannheim Dream Questionnaire” (MADRE), para entender qual era a frequência de pesadelos das voluntárias; a versão italiana de “20-Toronto Alexithymia Scale” (TAS-20) para identificar o nível de alexitimia das mulheres do estudo, sendo que um resultado acima de 52 nessa escala indicaria a existência desse quadro; e “The Edinburgh Postnatal Depression Scale” (EPDS), teste voltado para reconhecer sintomas depressivos nas participantes. Os dados coletados foram comparados por meio do software “Jamovi” e estatisticamente analisados.

Após o levantamento e apreciação das informações, Spinoni *et al.* (2024) aponta que a frequência em que as mulheres recordavam de seus sonhos era maior em participantes mais jovens, aspecto divergente do observado por Mancuso *et al.* (2008). Também se observou maior recordação de sonhos por aquelas que já passaram por outra gestação; que vivenciaram complicações na gravidez e apresentavam sintomas relacionados a quadros depressivos, sendo que esse último aspecto também se mostrou relacionado a lembrar mais constantemente dos pesadelos. Outro aspecto observado pelos autores foi o de que ter uma gestação não planejada aumentava a angústia relacionada a pesadelos,

visto que os conteúdos oníricos estão ligados às emoções e preocupações vivenciadas durante o dia, podendo ser oportunidade para seu processamento e regulação. Segundo Spinoni *et al.* (2024), através dos dados coletados, percebeu-se que a frequência de sonhos lúcidos se intensifica em cenários em que as sonhadoras manifestavam um sono de baixa qualidade e mais pesadelos durante a noite. Ainda sobre sonhos lúcidos, os pesquisadores colocam que esse tipo de produção onírica pode oferecer uma possibilidade de elevar o autocontrole e regulação emocional, além de diminuir o potencial assustador dos pesadelos, visto que permite que os indivíduos controlem suas ações durante as narrativas vivenciadas durante o sono.

No que tange à variável da alexitimia, os autores notaram que uma presença mais recorrente de pesadelos e de uma angústia relacionada a eles estava relacionada a uma dificuldade de reconhecer a emoção do outro, um dos aspectos que caracteriza o quadro emocional citado. Ademais, um dos resultados obtidos indica que mulheres que apresentam sintomas de quadros depressivos e alexitimia possuíam uma frequência maior de pesadelos, situação divergente do observado em participantes que tinham sintomas depressivos, mas não alexitimia. De acordo com Spinoni *et al.* (2024), como a alexitimia se classifica como uma condição em que o indivíduo possui uma dificuldade de identificar, elaborar e regular emoções, os pesadelos aparecem como uma nova forma de realizarem os processos mencionados. Com base na pesquisa construída, também foi possível verificar que gestantes múltíparas lembraram mais dos sonhos do que primíparas, dado divergente do que foi pontuado em outros estudos. Entretanto, os pesquisadores ressaltam que as outras pesquisas geralmente trabalham com mulheres no final do período da gestação, enquanto este estudo trabalhou com grávidas no início dessa fase, momento em que representações do filho, expectativas e preocupações podem estar mais acentuadas, levando a uma maior frequência de recordação das produções oníricas.

Por fim, Spinoni *et al.* (2024), colocam que, tendo em vista a relevância da regulação emocional frente a pesadelos, é importante investir em intervenções para fortalecer a elaboração de emoções e desenvolver estudos para analisar os conteúdos desse tipo de sonhos tanto em mulheres com e sem alexitimia quanto em voluntárias que apresentarem ou não quadros com sintomas depressivos. Vale comentar que os autores apontam, como limitações da pesquisa, o fato de ter ocorrido uma aplicação de questionários que não foram administrados pelos próprios pesquisadores, a escassez de informações coletadas sobre a qualidade do sono das voluntárias e a falta de inclusão de mulheres no período pós-parto e não gestantes, amostras que devem ser consideradas em estudos futuros.

Tendo em vista a existência de uma literatura mais focada em uma análise qualitativa e de estudos não publicados, Scarpelli *et al.* (2024) desenvolveu uma pesquisa, cujo objetivo era realizar uma revisão sistemática de literatura sobre as influências da gestação nos sonhos e nos pesadelos,

objetivo similar ao da pesquisa de Spinoni *et al.* (2024). As autoras buscaram avaliar a frequência dos sonhos, o conteúdo onírico, o estado emocional das grávidas, as diferenças nos sonhos produzidos nos períodos pré e pós-parto, o impacto de eventos adversos prévios relacionados a essa fase, como aborto espontâneo e histórico de infertilidade, e as limitações dos estudos encontrados. Vale retomar que os demais artigos revisados analisaram aspectos semelhantes, visto que Dagan, Lapidot e Eisenstein (2001), Mancuso *et al.* (2008) e Spinoni *et al.* (2024) investigaram os conteúdos presentes nos sonhos e seus aspectos emocionais em suas pesquisas. Spinoni *et al.* (2024) e Mancuso *et al.* (2008) também verificaram a frequência de pesadelos e a relação entre as condições obstétricas da gestante e seus sonhos, respectivamente, assim como Scarpelli *et al.* (2024).

Frente ao objetivo levantado, Scarpelli *et al.* (2024) selecionou 17 artigos, publicados entre 1974 e 2023, escritos em inglês sobre estudos observacionais, e não qualitativos; que realizassem comparação entre um grupo de gestantes e outro conjunto de participantes ou entre subgrupos entre as mulheres grávidas. Ao considerar todos os estudos analisados, trabalhou-se com 2112 gestantes na faixa etária de 17 a 44 anos, sendo que 1517 se encontravam no terceiro trimestre da gravidez e 143 no segundo; e com 882 mulheres não grávidas que tinham entre 14 e 93 anos. Os resultados dos artigos encontrados foram sintetizados e organizados, e dois pesquisadores forneceram notas para eles com base na “Newcastle - Ottawa Quality Assessment Scale” (NOS). Caso discordassem sobre algum tópico, discutiam a respeito e, mediante a uma persistente divergência de opiniões, um terceiro pesquisador era consultado.

Os resultados de Scarpelli *et al.* (2024) mostram que as gestantes primíparas, quando comparadas às mulheres que já tinham passado por outras gestações, lembraram mais de seus sonhos, dado que difere do que foi observado por Spinoni *et al.* (2024). Em relação aos conteúdos oníricos, nota-se, em diversos estudos, uma alta presença de temas relacionados a bebês na gravidez e ao papel de mãe nas gestantes, aspecto semelhante ao resultado obtido por Dagan, Lapidot e Eisenstein (2001), em comparação às não gestantes. Além disso, artigos domésticos, atividades físicas e objetos destruídos ou quebrados e temas relacionados a eventos e emoções vivenciados na vida desperta, por exemplo, foram temáticas observadas nos sonhos analisados. Após a revisão sistemática de estudos, as autoras colocam que quadros de ansiedade podem influenciar os conteúdos apresentados no sonho, cenário não verificado por Mancuso *et al.* (2008), que apontou para uma não relação entre as variáveis indicadas.

A partir da revisão de artigos realizada, Scarpelli *et al.* (2024) afirma que é possível observar mudanças na atividade onírica a depender do momento da gestação. Vale ressaltar que a maioria das grávidas participantes nos artigos analisados estava no trimestre final da gestação. É importante pontuar que Spinoni *et al.* (2024) também aponta para uma possível influência do momento em que

a mulher se encontra na gravidez nos seus sonhos, uma vez que coloca que no início dessa fase, a gestante geralmente manifesta mais expectativas e preocupações, situação que pode levar a uma maior recordação dos materiais oníricos. Voltando ao estudo desenvolvido por Scarpelli *et al.* (2024), percebe-se que as gestantes manifestaram uma alta frequência de pesadelos e sonhos desagradáveis, quadro observado nas análises de Mancuso *et al.* (2008) e Lara-Carrasco *et al.* (2014), sendo que mulheres grávidas com insônia possuíam uma maior taxa desse tipo de produção onírica nesse cenário.

A revisão de artigos em questão também aponta que a progesterona foi indicada como um hormônio que aumenta a possibilidade de as pessoas lembrarem dos sonhos e que os níveis de cortisol no corpo aumentam durante o sono REM, ideia também levantada por Lara-Carrasco *et al.* (2014). Um ponto interessante encontrado a partir da revisão sistemática de estudos é que os sonhos possibilitam uma reorganização mental e regulação emocional durante o período da gestação, contribuindo para os processos de estabelecimento do papel de mãe e de criação de um vínculo inicial com seu filho. Já os pesadelos e sonhos desagradáveis apareceram como uma forma de simular situações negativas, de forma a preparar as mulheres psicologicamente para possíveis eventos futuros.

Ao final da revisão sistemática de artigos, Scarpelli *et al.* (2024) levanta algumas limitações dos estudos utilizados para a construção da pesquisa em questão, sendo elas a utilização de amostras pequenas de participantes, a ausência de grupos controle, a menor quantidade de grávidas nos dois primeiros trimestres da gestação, a falta de foco no sono das gestantes, não incluir transtornos psiquiátricos como um critério de exclusão, o uso de métodos de coleta dos sonhos heterogêneos e a não diferenciação entre sonhos desagradáveis e pesadelos. No que tange ao seu estudo, a autora coloca que, como limitações, só revisitou artigos na língua inglesa, a presença de uma variedade grande nos estudos, o uso do NOS adaptado, mas não validado; e a não realização de meta-análise nos sonhos. Por fim, conclui que o acesso ao mundo inconsciente, fornecendo dados relevantes sobre o bem-estar das gestantes, sonhos estão relacionados ao padrão de sono e seu conteúdo pode ter ligação com os eventos da vida desperta, ajudam na regulação emocional. O padrão de sono é os conteúdos presentes nos sonhos poderiam ser utilizados por profissionais da área da saúde para avaliar as gestantes e prevenir quadros adversos, como depressão pós-parto.

Após a leitura e compreensão dos dados obtidos nas pesquisas destacadas, é essencial pontuar que houve uma certa dificuldade de encontrar artigos mais recentes que versassem sobre aspectos relacionados aos sonhos observados durante a gravidez, sendo que os estudos encontrados não realizaram uma análise simbólica dos conteúdos oníricos. Ademais, a maioria dos artigos revisados trabalhou com gestantes que estavam no terceiro trimestre da gestação, não apresentando uma

quantidade maior de material coletado durante os outros períodos da gravidez, caracterizados por altas expectativas e preocupações intensas, por exemplo. Tendo isso em mente e a importância da análise das produções oníricas para promover uma possível reorganização mental, um fortalecimento psicológico e uma maior regulação emocional frente aos aspectos da gestação, reafirma-se a relevância dessa pesquisa, uma vez que busca observar e investigar as expressões simbólicas que surgem nos sonhos de mulheres no primeiro semestre da gestação e as sensações que possuem ao acordar, de forma a trazer algumas *possíveis* compreensões sob a perspectiva da Psicologia Analítica e dar continuidade aos estudos sobre sonhos na gestação.

5 MÉTODO

5.1 Objetivo

Observar e analisar as expressões simbólicas que surgem nos sonhos de mulheres no primeiro semestre da gestação e as sensações que possuem ao acordar.

5.2 Desenho da Pesquisa

A presente pesquisa teve, como participantes, mulheres gestantes primíparas que estavam nos 6 meses iniciais da gravidez. A busca por possíveis voluntárias foi realizada através das mídias sociais e, após encontrá-las, o contato inicial foi estabelecido para apontar uma proposta de participação neste estudo.

Esta pesquisa utilizou a análise qualitativa de todo o material recolhido, sendo este os relatos dos sonhos das participantes e de suas sensações e emoções ao acordar. O relato de sonhos foi preferencialmente utilizado para entrar em contato com a expressão simbólica das colaboradoras, sem que fosse interpretada a nível pessoal, devido às limitações deste estudo. As imagens presentes nos conteúdos oníricos foram destacadas e comparadas conforme à temática em comum, além de terem sido relacionadas às emoções e sensações das sonhadoras ao acordarem, quando possível. Foram feitas algumas *possíveis* compreensões de tal material com base no olhar da Psicologia Analítica.

A coleta de dados foi feita durante 4 encontros remotos e individuais com as colaboradoras. No primeiro, foi privilegiada a construção inicial do vínculo afetivo, além de ser realizada a apresentação da pesquisa e das questões éticas. Também foi feito um questionário para conhecer um pouco mais sobre as participantes e solicitado que anotassem seus sonhos. Nos próximos encontros, foram coletados os relatos das narrativas oníricas e discutido quais sensações e emoções sentiram ao acordar. Vale pontuar que, no último encontro, foi realizado um fechamento com as sonhadoras.

5.3 Hipótese

Compreender alguns aspectos simbólicos nos sonhos de mulheres grávidas e suas sensações ao acordar pode auxiliar com que entrem em contato com questões inconscientes, interferindo em seu processo emocional ao longo da gestação.

5.4 Participantes

5.4.1 Critérios de inclusão

Participantes mulheres que estavam no primeiro semestre da gravidez e que se classificavam como gestantes primíparas, ou seja, que estivessem vivenciando sua primeira gestação. Além disso, deveriam ter disponibilidade para 4 encontros presenciais ou remotos.

5.4.2 Critérios de exclusão

Mulheres que não eram gestantes primíparas e que se encontravam no terceiro trimestre da gravidez não puderam participar da pesquisa.

5.5 Instrumentos da pesquisa

Foi utilizada neste estudo uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi formulado pela pesquisadora para adquirir dados a respeito do contexto das participantes, seu período de sono e seus sonhos. Também foram coletados relatos de sonhos ao longo dos encontros.

5.6 Procedimento

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê Ético da Plataforma Brasil. Frente a aprovação da realização da coleta de dados, buscou-se pelas mídias sociais mulheres no primeiro semestre da gestação. Após esse período de procura, foram encontradas 2 voluntárias para as quais foi enviado um documento explicando a pesquisa, seu objetivo e colocando uma proposta de participação, com o intuito de darmos início aos encontros.

Foram realizados 4 encontros individuais e remotos com cada participante. O primeiro foi destinado à apresentação da pesquisa e seus objetivos, à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1) e à explicação de como seria o desenrolar dos encontros e quantos estavam previstos. Nesse encontro inicial, também foi feita uma entrevista semiestruturada para adquirir dados sobre a vida da participante, seu sono e seus sonhos. Foi perguntado especificamente se tiveram sonhos ao longo das semanas anteriores da gravidez e, ao final, foi solicitado que registrassem seus episódios oníricos em um caderno ou no próprio celular para trazer nos próximos encontros. Vale comentar que foi possível iniciar o processo de estabelecimento de vínculo com as

gestantes nesse encontro, ao levantar diferentes temáticas e assuntos na entrevista, de forma a possibilitar um diálogo cada vez mais profundo nos encontros seguintes.

Foi informado às participantes que, em caso de desconforto ou arrependimento, poderiam encerrar suas participações a qualquer momento que desejassem. Como nenhum incômodo foi levantado, foi possível dar continuidade à pesquisa.

Em seguida, foram feitos mais três encontros sequenciais, remotos e individuais, durante um mês. Nesses encontros seguintes, foram coletados os relatos dos sonhos das colaboradoras e suas sensações ao acordarem. Foi solicitado que comentassem sobre os episódios oníricos, buscando investigar o que acharam dos sonhos relatados e o que sentiram ao acordar. Ademais, perguntas sobre algumas imagens simbólicas e sobre associações à vida pessoal das participantes frente aos sonhos foram realizadas. No último encontro, também foi realizado um fechamento com as sonhadoras, retomando todos os sonhos que foram registrados, e um agradecimento diante da participação na pesquisa, destacando que a qualquer momento a colaboradora poderia tirar dúvidas sobre o processo e que, ao final, os resultados poderiam ser encaminhados a ela.

5.7 Tratamento de dados

Após a realização dos encontros e a coleta de dados, foram destacados aspectos simbólicos que tenham chamado a atenção da sonhadora, além de refletir, quando possível, sobre as sensações que a participante possui ao acordar e as emoções relatadas frente aos conteúdos oníricos. Foi realizada uma possível amplificação dos símbolos contidos, mas não pessoal, devido aos limites da atual pesquisa.

As respostas dos questionários foram categorizadas numa grande tabela organizada pela pesquisadora, onde as respostas ficavam visíveis de forma clara para posterior análise. Os relatos dos sonhos foram colocados em uma tabela proposta por Catta-Preta (2023), onde pode-se observar as séries e com a estrutura dos sonhos: cenário, desenvolvimento, peripécia ou clímax e final ou lyse;

Logo, buscou-se compreender *possíveis* representações a partir do material simbólico coletado sob a perspectiva da abordagem da Psicologia Analítica e uma identificação de temáticas em comum.

5.8 Cuidados éticos

Todas as participantes receberam as informações necessárias a respeito de suas participações e dos objetivos da pesquisa, bem como da possibilidade de encerramento de suas participações a

qualquer momento que desejassem frente a qualquer arrependimento ou desconforto. Foi utilizado o TCLE (Anexo 1), de forma a assegurar seus direitos mediante assinatura. Nos resultados e na análise dos relatos colhidos na pesquisa, os nomes das colaboradoras foram substituídos por nomes fictícios para manter o sigilo referente a sua participação neste trabalho.

6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS ENCONTROS E RELATOS

Neste capítulo, pretendeu-se relatar as informações coletadas nos encontros realizados com as participantes, organizando os resultados por sujeito e posteriormente desenvolvendo uma *possível* análise dos símbolos encontrados nos sonhos de ambas. Sobre este último aspecto, é essencial retomar que este Trabalho de Conclusão de Curso não possuiu, como foco, a interpretação do material onírico apresentado pelas voluntárias. Frente às limitações dessa pesquisa, como a falta de um contexto terapêutico e de uma proposta metodológica que visasse a interpretação de sonhos no âmbito da psicoterapia, não seria possível desenvolver uma análise mais aprofundada e pessoal dos símbolos presentes nos sonhos, embora esse tipo de olhar seja extremamente relevante. Tendo em vista esse cenário, adotou-se uma abordagem que buscasse investigar *possíveis* representações simbólicas encontradas nas produções oníricas compartilhadas, tratando-os não como objetos a serem interpretados, mas como portadores de múltiplos sentidos potenciais. Na análise construída neste estudo, procurou-se expor as imagens manifestadas nos sonhos, bem como identificar temas em comum entre os relatos oníricos das participantes, refletindo sobre alguns de seus *possíveis* significados à luz da Psicologia Analítica.

A propósito de sigilo, os nomes dos participantes e de seus familiares foram substituídos por nomes fictícios.

6.1 Sujeito 1 – Carla

6.1.1 Aplicação da entrevista semiestruturada

<p style="text-align: center;">Questionário</p> <p style="text-align: center;">Aplicado dia 04.04.2025</p>	<p style="text-align: center;">Respostas de Carla</p> <p style="text-align: center;">32 anos</p> <p style="text-align: center;">19 semanas de gestação</p>
<p>1. A gestação foi planejada?</p>	<p><i>A gente queria ter esse ano e acabou vindo mais rápido, então sim, planejada.</i></p>
<p>2. Você passou/tem passado por alguma intercorrência ao longo da gestação?</p>	<p><i>Foi tudo muito tranquilo! Eu não tive também nenhum enjoo nem nada, então por enquanto tá indo tudo bem, no geral tá indo tudo bem, assim.</i></p>
<p>3. Como é a sua relação com seu parceiro?</p>	<p><i>Ah, é muito boa! A gente tá junto há 13 anos já, há muito tempo. Eu, inclusive, conheci ele no segundo</i></p>

	<i>ano de faculdade. Estamos juntos há 13 anos e é muito boa! A gente mora junto já há 5 anos, enfim, uma relação muito sólida, muito parceiro...</i>
4. Como é a sua relação com seus familiares?	<i>É ótima, é boa, na verdade... Assim, a minha irmã acabou de ser mãe, né? Então é isso, é muita coisa, muita informação, assim, vai ser segundo neto, então eles tão meio pirando, assim... Muita atenção em mim, meio claustrofóbico, assim, mas tá tudo bem! Eu tenho uma relação boa com eles, amo muito a minha família</i>
5. Durante a gestação, você vivenciou alguma alteração na quantidade de horas dormidas, quando comparado ao período pré-gestação?	<i>(...)nos primeiros três meses (de gestação) eu dormi demais! Eu tinha muito sono, era muito bom, assim, no geral, dormia muito. (...) de uns 20 dias pra cá, eu tenho tido um pouquinho de insônia, assim, acho que dizem que é meio hormonal, meio das alterações do corpo, mas... Acho que meu sono é bom, em geral, só tô tendo um pouquinho, assim, é um sono meio desperto, assim, sabe?</i>
6. Durante a gestação, quantas horas você tem dormido por noite, aproximadamente?	<i>Eu acho que dormir mesmo, umas 5, 6, meio picadas, assim, 6, vai? Bem picadinho, sabe?</i>
7. Durante a gestação, como tem sido a qualidade do seu sono? Você acorda descansada?	<i>Nos primeiros 3 meses, sim! Eu acordava descansada, e dormia o dia inteiro, mas (...) desses 20 dias pra cá, um pouco mais cansada, assim. (...)eu dormia muito bem (pré-gestação), eu sempre tive um sono muito regrado, (...) eu sempre fiz muito esporte, então, eu deito, sei lá, 9 da noite e acordo 6 da manhã, eu ia regradíssimo, assim, eu não tinha insônia, não acordava, não virava, não fazia xixi no meio da noite, não acontecia nada disso (...) acho que realmente mudou, assim, foi...</i>

	<i>E desses 20 dias pra cá, eu tô um pouco mais desperta,</i>
8. Durante a gestação, como está seu despertar noturno, quando comparado ao período pré-gestação? Você tem acordado mais?	<i>Eu acho que muito, muito mais! Eu não tinha esse despertar, ah, no máximo pra virar, assim, mas agora (...)às vezes é um despertar mais, talvez, pela ida ao banheiro, ou meio que pelo achar de posição, assim, porque agora existe uma barriga, então, dá uma alterada nisso, sim.</i>
9. Como é o ambiente onde você dorme durante esse período de gestação?	<i>(...) é escuro, no momento ele tá bem quente porque a gente só tem um ventilador no quarto, não é barulho, é assim, é semi-barulhento porque (...) tem uns barzinhos aqui perto, assim, mas não acho que seja isso que esteja afetando, eu acho que é algo mais interno do que externo, assim, eu entendo, sabe? Essa ausência de sono vem mais de dentro do que do ambiente, (...)</i>
10. Você costuma lembrar dos seus sonhos? Se sim, com qual frequência?	<i>Nossa, isso é uma característica minha, eu não só lembro, como eu sempre me interesse e anoto um pouco o que eu sonhei, (...) eu sonho com uma boa frequência, eu acho, posso dizer que eu sonho com uma boa frequência. Em geral, eu lembro, assim, (...)</i>
11. Você compartilha seus sonhos com alguém?	<i>Ah, com todo mundo. Não, na verdade, mais assim, com ele (seu parceiro) e com, inclusive, minha amiga que é psicóloga. (...)acho que é mais com ele e com uma ou duas amigas, assim.</i>
12. Você já fez psicoterapia em algum momento da vida ou faz atualmente?	<i>Eu já fiz, mas deveria voltar, porque a cabeça da gestante fica assim... Mas eu fiz na época da pandemia... Um tempinho, assim, não fiz tanto tempo.</i>
13. Você percebeu alguma mudança nos conteúdos ou tipos de sonhos que você tem tido na gestação, quando	<i>É, não sei se tão... Se eu consigo colocar tão... Antes era assim, hoje não é assim. Mas eu acho que... Hoje parece que o sonho vai mais longe,</i>

<p>comparado ao período qpré-gravidez?</p>	<p><i>assim, sabe? (...) parece meio surrealista, assim, às vezes, sabe? Um negócio meio... Tipo... Mistura tudo que existe num contexto que nunca vai existir. Então, acho que talvez seja um pouco mais fantasioso, por um lado. (...) acho que mistura um pouco do muito real com o... Sobrenatural, esse negócio do que nunca vai acontecer, sabe?</i></p>
<p>14. Há algum tema que esteja se repetindo ao longo dos seus sonhos na gestação?</p>	<p><i>Não, isso eu ainda não consigo... No começo eu sonhei bastante com a gestação em si, (...) mas... Não é que teve um padrão, assim, acho que vem e volta.</i></p>
<p>15. Teve algum sonho que te impressionou durante esse período de gestação?</p>	<p><i>Cara, tem esses dois... Foram muito bizarros! (Dois primeiros sonhos descritos na tabela de registro de sonhos)</i></p>
<p>16. Você já teve algum sonho antigo que se repetiu ao longo da gestação?</p>	<p><i>Até agora não. Não, nunca tenho tão claro. Talvez sim, mas não identifiquei ainda.</i></p>
<p>17. Houve algum elemento ou figura que apareceu nos sonhos ao longo da gestação que te impressionou? Ou que apareceu mais de uma vez?</p>	<p><i>É, que apareceu em mais de um sonho, acho que não, mas eu sonhei com esses dois sonhos que eu te contei foram coisas mega que me intrigaram, né? Tipo, o hipopótamo, que eu achei muito curioso, (...) Isso, e a água, que é curioso isso. Tô até com vontade de pesquisar mais, mas eu nunca sonho com elementos aquáticos, assim, então...</i></p>
<p>18. Ao pensar nos sonhos que você teve ao longo da gestação, você diria que eles têm começo, meio e fim?</p>	<p><i>(...) tem muito começo, meio e fim! É raro eu acordar, tipo, nossa no meio “Ai queria que tivesse continuado!” ... Isso é coisa de pré-gestação. Na gestação, tipo “A cena encerrou”, sabe? “Agora não tem mais nada para falar. Acorda, porque acabou”, mas eu acho que tem começo, meio e fim.</i></p>
<p>19. Você tem alguma expectativa frente à gestação?</p>	<p><i>Cara, eu tô bem tranquila nesse sentido, mas eu espero conseguir ser suficiente, né?(...) Assim,</i></p>

	<p><i>como mãe, como mulher, como companheira, como mil e uma funções que a gente vai ter que ter nesse papel de mãe, né? Que é muita função, muita coisa e muita responsabilidade! (...)E acho que também, porque vai ter muita gente opinando, muita gente falando muita coisa... Acho que é isso: conseguir manter minha cabeça no lugar, resumindo... E curtir, né?</i></p>
--	---

6.1.2 Tabelas de registro de sonhos, com base nos relatos oníricos (8 sonhos)

Sonho/ Título	Cenário/ início e local	Personagens	Desenvolvimento	Peripécia	Lysis/final	Sensação e emoção ao acordar
1	Sala grande, onde sonhadora estava sentada em poltrona com amigas em volta	Sonhadora, suas amigas e um hipopótamo	Hipopótamo com cabeça apoiada na perda da sonhadora e ela fazia carinho nele	Amigas tentavam chegar perto do hipopótamo e a sonhadora não deixava. Amigas tentavam falar com a sonhadora, porém não recebiam resposta. Sonhadora tentava explicar o que hipopótamo significava para ela, mas gaguejava e amigas não ouviam	Hipopótamo continua perto da sonhadora, olhando para ela	Curiosidade e angústia
2	Praia na Austrália, sendo que o mar estava agitado	Sonhadora, seu pai e sua irmã	Pega a prancha pequena da irmã e decide surfar no mar bravo, mesmo frente ao pedido dos familiares de não ir	Prancha quebra no mar bravo e sonhadora volta para a praia nadando	Discussão com pai e irmã, que diziam que sonhadora não deveria ter ido. Sonhadora se frustra e fala que seus familiares não confiam nela	Curiosidade e sensação de o sonho ser fiel a aspectos reais

3	Ambiente escuro com uma piscina grande, com águas escuras e algumas ondas pequenas	Sonhadora, seu parceiro e seu pai	Sonhadora segurando a mão do pai e do parceiro, voando em cima da piscina	Sonhadora guiando o pai e o parceiro, não querendo deixar ninguém cair dentro da piscina	Sem lyse	Medo
4	Área na frente da casa dos pais da sonhadora, no final do dia	Sonhadora, sua mãe (com semblante magro e rosto diferente) e sequestradores	Sonhadora chega na casa dos pais e encontra o portão entreaberto	Sequestro da mãe. Carros dos sequestradores saem em alta velocidade e sonhadora vai atrás em outro carro.	Resgate da mãe da sonhadora. Esta leva sua mãe para a cama e dá comida para ela.	Estado reflexivo, tristeza e preocupação frente à violência existente na cidade
5	Chalé do acampamento onde a sonhadora foi em seu 3º ano de escola; sonhadora estava com os amigos	Sonhadora, seus amigos e sua mãe	Água começou a entrar pelas portas e janelas do chalé, inundando o quarto. Amigos da sonhadora começaram a subir nos beliches para fugir.	Sonhadora sente necessidade de encontrar sua mãe e se salvar frente à inundação. Vai pulando de beliche em beliche para encontrá-la.	Sonhadora encontra sua mãe em um dos beliches e fica com ela. Nesse momento, a água para de entrar no chalé.	Alívio
6	Família da sonhadora reunida na casa de praia de sua infância; casa tinha muro alto, gramado extenso e era de frente ao mar	Sonhadora, seus pais, membros da sua família e pessoas que estavam na praia	A maré começou a subir, batendo no muro da casa da sonhadora. Como o mar estava avançando, as pessoas que estavam na praia começaram a entrar na casa da sonhadora. Seus pais não queriam que eles entrassem, mas a sonhadora disse que se não se abrigassem lá, não sobreviveriam	Pessoas que antes estavam na praia começam a fazer um churrasco na casa da sonhadora. Uma das pessoas acende um fósforo e coloca fogo nas árvores em frente à casa da sonhadora.	Todos conseguem apagar o fogo	Saudades dos momentos que viveu nessa casa e de estar com a família toda reunida
7	Um campo, semelhante ao interior de São Paulo e aos campos do Uruguai	Sonhadora, suas amigas e alguns animais (cavalos, leões e zebras)	Sonhadora estava olhando terrenos, com algumas de suas amigas por perto, e começou a ver animais,	Um animal rajado, grande, com 4 patas, semelhante a um cavalo, começou a	Sonhadora percebe que aquela era a casa que queria comprar e entra nela	Curiosidade

			como cavalos, leões e zebras	perseguir a sonhadora e ela foge desesperada, com medo, até achar uma casa de tijolos e pular o muro		
8	Antigo quarto da sonhadora na casa de seus pais	Sonhadora	Sonhadora estava abrindo presentes do seu filho, que estavam guardados na casa de seus pais	Sonhadora acha um presente para ela de uma amiga com uma carta a descrevendo positivamente como mãe e dizendo que estava feliz pela sonhadora. O presente também tinha uma tanzanita e sua amiga dizia na carta que a pedra era para trazer sorte e proteção.	Não tem	Curiosidade e carinho pela amiga

Fonte: CATTÁ-PRETA, Marisa Vicente. Pontes imagéticas entre a vida e a morte: Avaliação dos aspectos psicológicos de pacientes com doença oncológica avançada por meio do trabalho com sonhos e o uso de técnicas expressivas. 2023.

6.2 Sujeito 2 - Vitória

6.2.1 Aplicação da entrevista semiestruturada

Questionário Aplicado dia 04.04.2025	Respostas de Vitória 27 anos 11 semanas de gestação
1. A gestação foi planejada?	<i>Sim.</i>
2. Você passou/tem passado por alguma intercorrência ao longo da gestação?	<i>É, eu tive bastante enjoo nas sete, sete e meia, oitava semana, e agora eu já tô só com... E tive vômito, mas agora eu já tô só com ânsias. Então, mais tranquilo assim.</i>

<p>3. Como é a sua relação com seu parceiro?</p>	<p><i>Bem tranquila! Nós já moramos juntos há dois anos, é... E a gente super se ajuda, assim... Tanto nas tarefas do dia a dia, como emocionalmente. A gente conversa bastante, então, é bem parceiro.</i></p>
<p>4. Como é a sua relação com seus familiares?</p>	<p><i>Bem bem tranquila também. (...) São bem participativos (seus pais e sua sogra)! Daí, a minha família é de outras cidades próximas, a gente também costuma se ver, assim, se une de fim de semana. É de apoio bem legal, assim!</i></p>
<p>5. Durante a gestação, você vivenciou alguma alteração na quantidade de horas dormidas, quando comparado ao período pré-gestação?</p>	<p><i>Sim, tenho muito mais sono. Muito mais significativo que os enjoos, eu tenho sono, tipo, muito sono! Durante o dia e principalmente de noite. Eu brinco que quando chega nove horas, meu botão desliga. (...) Dormia bem, eu sempre dormi bem. Só que eu sinto necessidade, tipo, hoje, de dormir no mínimo oito horas. Eu não consigo dormir menos que isso!</i></p>
<p>6. Durante a gestação, quantas horas você tem dormido por noite, aproximadamente?</p>	<p><i>A maioria dos dias eu tenho dormido as oito horas, sabe? Aí nos fins de semana eu consigo dormir um pouquinho depois do almoço, tipo, uma meia hora, às vezes uma hora. E dá os domingos um pouquinho mais de manhã, né? Daí chega que até dá umas dez horas de sono, que não é muito bom.</i></p>
<p>7. Durante a gestação, como tem sido a qualidade do seu sono? Você acorda descansada?</p>	<p><i>Antes eu dormia igual uma pedra! Eu dormia e acordava do mesmo jeito. Daí, agora, eu senti, assim, diferença. Que faz umas três, quatro semanas que, tipo, eu rolo muita noite. Daí, eu, às vezes, acordo... Não é toda noite, mas, assim, umas três vezes por semana eu acordo pra fazer xixi.(...) Mesmo eu dormindo um pouquinho mais cedo, eu fico mais agitada.</i></p>

<p>8. Durante a gestação, como está seu despertar noturno, quando comparado ao período pré-gestação?</p>	<p><i>Eu acho que, assim, difícil eu acordar... Eu me mexo bastante. Eu sinto que eu me mexo, sabe? Eu não chego a despertar de, tipo, assim... Ai, ficar cinco minutos pra pegar no sono. Não. Só, tipo, acordo, daí dou uma espiada, assim, meia de noite, daí viro pro lado e durmo, sabe? Não sei se isso conta como despertar... Que eu tô consciente eu acho que é uma média de duas, três vezes, assim, que eu... Que eu lembro mesmo.</i></p>
<p>9. Como é o ambiente onde você dorme durante esse período de gestação?</p>	<p><i>(...)a gente dorme no ar-condicionado. Tem ar-condicionado só no meu quarto. E a gente tem uma cortina bem clarinha, branca, porque a gente gosta de acordar com o dia, né? Então, nos primeiros meses, a gente tá acordando sempre. Mas nunca foi incômodo. Não tem luz forte, (...)E barulho é bem tranquilo, porque também é um bairro mais afastado... Não tem barulho!</i></p>
<p>10. Você costuma lembrar dos seus sonhos? Se sim, com qual frequência?</p>	<p><i>Quando eu lembro que eu sonhei, eu lembro do sonho. Mas nem sempre eu lembro que sonhei, entendeu? Acho que, assim, 90% das vezes eu lembro dos sonhos. Uns 80%, vamos dizer assim.</i></p>
<p>11. Você compartilha seus sonhos com alguém?</p>	<p><i>Eu conto, ah, eu conto pro João, ou com quem eu sonhei. Às vezes, amiga, família...</i></p>
<p>12. Você já fez psicoterapia em algum momento da vida ou faz atualmente?</p>	<p><i>Não.</i></p>
<p>13. Você percebeu alguma mudança nos conteúdos ou tipos de sonhos que você tem tido na gestação, quando comparado ao período pré-gravidez?</p>	<p><i>É que eu nem lembrava a última vez que eu tinha sonhado. É bem raro sonhar, sabe?</i></p>
<p>14. Há algum tema que esteja se repetindo ao longo dos seus sonhos na gestação?</p>	<p><i>Não</i></p>

15. Teve algum sonho que te impressionou durante esse período de gestação?	<i>Não, de boa, assim. Tranquilo.</i>
16. Você já teve algum sonho antigo que se repetiu ao longo da gestação?	<i>Não.</i>
17. Houve algum elemento ou figura que apareceu nos sonhos ao longo da gestação que te impressionou? Ou que apareceu mais de uma vez?	<i>Não.</i>
18. Ao pensar nos sonhos que você teve ao longo da gestação, você diria que eles têm começo, meio e fim?	<i>Ah, tem uns que sim, tem uns... Por exemplo, o do espírito (primeiro sonho na tabela de registro de sonhos), eu não tinha começo, mesmo. Era só tipo uma cena.</i>
19. Você tem alguma expectativa frente à gestação?	<i>(...)acho que qualquer mãe se preocupa assim, se tá tudo bem, né? Se a formação tá bem, se Deus abençoar não tem nenhuma má formação, nenhuma doença. E se Deus quiser que dê tudo certo no parto, que Ele quer, né? Mas assim, que seja um parto normal, se dê tudo certo e assim por diante. Mas assim, eu tô bem tranquila, não estou me preocupando com as partes da frente. Por enquanto, só com alimentação, dormir, comer bem e tal, então ficar bem.</i>

6.2.2 Tabelas de registro de sonhos, com base nos relatos oníricos (7 sonhos)

Sonho/ Título	Cenário/ início e local	Personagens	Desenvolvimento	Peripécia	Lysis/final	Sensação e emoção ao acordar
1	Quarto da sonhadora e casa de sua mãe	Sonhadora, seu parceiro e espíritos/vultos escuros	Espírito observando sonhadora e seu parceiro dentro de quarto e outro espírito posicionado na frente da casa da mãe da sonhadora	Não tem	Sem lyse	Medo
2	Família da sonhadora em uma casa em	Sonhadora, seu avô (falecido), seu parceiro e	Sonhadora reunindo seu avô e seus outros familiares para mostrar	Não tem	Sonhadora chamando seu parceiro, que	Saudades do avô falecido

	um almoço de domingo	alguns familiares	vídeo, que sua amiga tinha feito, para contar sobre gravidez para a família		estava jogando videogame, para participar da revelação da gestação	
3	Apartamento onde a sonhadora morava no sonho	Sonhadora, sua mãe, seu irmão e um ratinho	Sonhadora entrando no apartamento com sua mãe e seu irmão e empurrando um carrinho de bebê	Sonhadora olha para o carrinho e vê um rato fofo dentro dele ao invés de um bebê	Não tem	Acolhimento e tranquilidade
4	Não lembra	Sonhadora e outra pessoa	Sonhadora falando para a outra pessoa que usar lençol 300 fios é melhor e que quanto maior a quantidade de fios, melhor é a qualidade do lençol	Não tem	Não tem	Estranhamento frente ao sonho
5	Em uma cidade, de férias, com seu parceiro e amigos	Sonhadora, seu parceiro, amigos e sua professora de pilates	Sonhadora, seu parceiro e amigos foram para um posto de combustível de outra cidade, com vários morros e estradas de chão.	Aviões soltando bombas de água e uma caiu na telha do teto do posto de gasolina, destruindo metade desta cobertura	Sonhadora e seu parceiro se revezando e fazendo exercícios de pilates dentro do posto de gasolina ao lado de sua professora	Cansaço e estranhamento frente ao sonho
6	Domingo de manhã, sonhadora chega com uma recém-nascida em casa e a coloca em um moisés	Sonhadora, sua mãe, seu irmão, seu pai e a bebê	Sonhadora faz passeios com sua mãe e seu irmão durante o dia todo	Sonhadora percebe que a bebê ficou em casa sozinha. Entra em vários carros, tentando chegar em casa. Se depara com um circuito de água, que tem que enfrentar, mas, ao entrar, não consegue sair	Sonhadora desiste do percurso de água e pega um carro para ir para casa	Tristeza e medo relacionado ao papel materno
7	Vestidas com túnicas com brilho; sentadas em uma mesa	Sonhadora, uma amiga e a mãe dessa amiga	A amiga da sonhadora e sua mãe estavam conversando em hindi	Sonhadora fala com elas em inglês, perguntando se poderia falar	Não tem	Estranhamento frente ao sonho e felicidade

	tomando chá da tarde			essa língua na Índia. A amiga fala que não, pois deixaria os indianos bravos.		
--	----------------------	--	--	---	--	--

Fonte: CATTAPRETA, Marisa Vicente. Pontes imagéticas entre a vida e a morte: Avaliação dos aspectos psicológicos de pacientes com doença oncológica avançada por meio do trabalho com sonhos e o uso de técnicas expressivas. 2023.

6.3 Análise dos sonhos coletados

6.3.1 Predominância de símbolos com água

Ao reunir a série de sonhos das duas participantes, percebe-se uma presença marcante de imagens de água. Esse cenário converge com os resultados obtidos por Gallbach (2024) que, ao coletar narrativas oníricas de 5 mulheres grávidas, percebeu que o elemento natural mais frequente em seus sonhos era a água. Vale comentar que, em seu trabalho, a autora em questão pontua que é possível observar uma assiduidade do símbolo mencionado durante o período inicial da gestação, fase vivenciada por Vitória ao longo da realização dos encontros, por exemplo (Gallbach, 2024).

A água pode ser vista como fonte de vida, aparecendo, muitas vezes, como uma representação simbólica de transformação, tendo em vista sua característica de não ter formato estabelecido e suas capacidades de mover objetos de lugar e de dissolução de materiais, gerando novas composições (Chevalier e Gheerbrandt, 2015); (Gallbach, 2024); (Jung, 2017). Evidencia-se também que, em inúmeras religiões, a água é colocada como forma de purificação, retirando o título de pecadores dos indivíduos e suas contaminações (Gallbach, 2024); (Chevalier e Gheerbrandt, 2015); (Von Franz, 1992). Por fim, é importante apontar que, de acordo com Jung (2017), a água pode simbolizar o campo do inconsciente dos sonhadores. Sendo assim, é interessante refletir sobre a interação que os sonhadores possuem com esse elemento em suas produções oníricas, visto que pode indicar a relação que as pessoas apresentam com suas emoções, pensamentos e representações inconscientes.

Ao revisitar os sonhos das gestantes voluntárias dessa pesquisa, nota-se que, no primeiro encontro, Carla trouxe uma narrativa onírica envolvendo água. A sonhadora contou que, na produção em questão, estava na Austrália com seu pai e sua irmã e manifestava o desejo de surfar. Diante disso, pegou a prancha da irmã e entrou no mar, descrito pela participante como “bravo”. Durante essa aventura, a prancha quebrou e a sonhadora retornou para a praia, onde seus familiares se encontravam. Pensando nesse relato, vale colocar também possíveis compreensões simbólicas que o mar pode ter. O oceano, seguindo a linha do que foi apontado anteriormente sobre a água, pode ser visto como

origem da vida, uma vez que os primeiros sinais de vida surgiram nele (Chevalier e Gheerbrandt, 2015; Jung 2017). Considerando essa característica, Chevalier e Gheerbrandt (2015) o indicam como possível representação do corpo materno, receptáculo de um novo ser humano.

Diante do exposto, o mar presente no sonho relatado pode ser visto como símbolo da transformação que a participante estava vivenciando, cenário que rompe com sua vida habitual e pode estar ligado ao período de gestação. No sonho, a atitude da voluntária de encarar o oceano pode indicar o surgimento de uma nova relação com seu corpo e o processo de se aproximar do papel de mãe. Pode-se pensar também em outra possível compreensão para o mar neste sonho, que pode simbolizar uma necessidade ou um movimento da sonhadora de entrar em contato com potencialidades, emoções e pensamentos inconscientes. Entretanto, é importante retomar que o mar é descrito como “bravo” pela participante, não sendo, portanto, de fácil acesso. Sendo assim, surfar na onda que pode carregar novos aspectos físicos e de sua personalidade ou que pode simbolizar elementos de seu inconsciente é algo que exige bastante esforço e cuidado da sonhadora. Frente a essa possível compreensão, retoma-se a postura de curiosidade apresentada pela voluntária ao acordar desse sonho e uma vontade de entender os conteúdos do seu sonho, posicionamento que pode contribuir para que acesse as traduções da narrativa onírica.

Vale colocar que, posteriormente, a imagem do mar apareceu de novo em um dos sonhos de Carla. Neste, a participante se encontrava na casa de praia de sua infância com sua família. Em certo momento da narrativa onírica, o mar começou a avançar pela praia e bater no muro da casa citada. Tendo em vista o movimento que o mar apresenta nesse sonho, é importante apontar possíveis significados que as ondas podem assumir. Segundo Chevalier e Gheerbrandt (2015), realizar um mergulho nas ondas, ato que se assemelha à dinâmica realiza no batismo, pode ser visto como um rompimento com o andamento da vida cotidiana, ocasionando uma alteração nas ações, no pensamento e nos posicionamentos do indivíduo. Além disso, é importante colocar que Jung (2017), ao fazer uma aproximação entre o mar e o inconsciente, afirma que, assim como o primeiro elemento mencionado, o campo do inconsciente manda ondas de extrema relevância para a consciência. Sendo assim, a água presente nesse sonho pode apresentar uma compreensão semelhante à do sonho anterior, visto que pode indicar uma transformação que rompe com a vida habitual ou um movimento do inconsciente da sonhadora, por exemplo. É interessante acrescentar que, neste sonho, as ondas não chegam até a sonhadora, uma vez que há um muro na casa que a protege, podendo indicar uma certa barreira ou resistência de entrar em contato com conteúdos inconscientes.

No segundo encontro, Carla trouxe outro sonho com uma imagem de água. Na produção onírica em questão, a sonhadora sobrevoava uma piscina com águas escuras e algumas ondas, que se encontrava em um espaço com pouca iluminação, ao lado de seu pai e seu parceiro. De acordo com

Carla, seu intuito durante o sonho era não deixar que ninguém caísse dentro da piscina representada no sonho. Frente à descrição da participante que tanto as águas da piscina quanto o ambiente apresentavam aspectos mais escuros, é possível pensar em uma representação da sombra da sonhadora, um dos campos presentes em seu inconsciente pessoal. Percebe-se que, diferente do primeiro sonho relatado, as águas deste sonho possuem um aspecto mais calmo, o que possibilitaria um mergulho mais fácil. Entretanto, Carla pontua que seu objetivo no sonho era não entrar em contato com a piscina, podendo indicar uma certa resistência de se deparar com conteúdos de sua sombra, ideia que converge com a sensação relatada pela participante após acordar desse sonho, que foi medo.

No terceiro encontro realizado com Carla, também foi levantado um sonho contendo o elemento água. Durante o sonho, a participante estava com seus amigos em um chalé do acampamento que frequentou em sua infância e, de repente, começou a entrar água através das portas e janelas do ambiente. Tendo em mente esse movimento realizado pela água, retoma-se a possível compreensão simbólica que inundações podem apresentar, ideia apresentada por Gallbach (2024). De acordo com a autora, ao pensar em inundações, evoca-se as representações de dilúvio, presentes em inúmeras narrativas mitológicas. Nestas, as águas provocam uma inundação em um terreno, de forma a proceder uma criação que irá ocorrer. Logo, as águas, como fonte de vida, preparam o espaço para o surgimento de algo novo, indicando fertilidade (Gallbach, 2024). Esse simbolismo se aproxima do momento vivenciado pela participante entrevistada, cujo corpo fértil está dando origem a um novo indivíduo. Vale comentar que, acrescenta que as inundações também podem indicar um “[...] desequilíbrio provocado pela ação reorganizadora de uma estrutura maior, [...]” (Gallbach, 2024, p. 138). Esse possível aspecto simbólico também se aproxima do cenário vivenciado pela sonhadora, visto que vive um período de mudanças físicas, psíquicas e sociais decorrente da gestação, de forma a gerar um novo aspecto em sua personalidade: seu papel materno. É importante refletir que, frente a esse possível desequilíbrio provocado pelas águas, Carla manifesta um desejo de encontrar sua mãe e, ao concretizar isso, a inundação é interrompida, aspecto que será retomado no próximo subtópico deste capítulo.

Após levantar possíveis compreensões que as imagens de água podem ter nos sonhos de Carla, ele será realizado diante dos sonhos de Vitória. Em seu segundo encontro, a participante trouxe uma produção onírica em que, ao chegar em um posto de gasolina, um avião que sobrevoava o ambiente lançou bombas de água que caíram em cima da cobertura do posto e parcialmente a destruíram. Frente a esse relato, nota-se que as bombas de água são lançadas do céu e caem, se assemelhando à chuva, por exemplo. De acordo com Gallbach (2024), as chuvas podem simbolizar fertilidade e uma nova criação, assim como as inundações. Sendo assim, as bombas de água presentes no sonho podem ser vistas como um aspecto que reorganiza estruturas pré-existentes, como é o caso da cobertura do posto

que foi destruída, para dar espaço para a geração de algo novo, como uma vida ou um novo aspecto da personalidade da sonhadora, por exemplo. Ademais, Jung (2017) fala sobre outra possível compreensão que o movimento das bombas de água pode ter no sonho. Segundo o autor, “A água caindo de um nível mais alto para um mais baixo significa um processo energético resultante do confronto de opostos; de cima para baixo, da tensão ao relaxamento” (Jung, 2017, p. 675). Portanto, as bombas de água presentes na narrativa onírica de Vitória podem representar um movimento psíquico vivenciado por ela no momento do sonho.

Por fim, tem-se mais uma produção onírica relatada por Vitória que manifesta uma imagem do elemento água. Nesse último sonho, a participante realiza um passeio com sua mãe e seu irmão até que, no final do dia, percebe que seu bebê foi deixado em casa sozinho. A sonhadora fica desesperada e tenta retornar para casa o mais rápido possível. Durante esse percurso, teve que enfrentar um circuito de água, mas acabou desistindo, ficando frustrada e relata não ter chegado em casa na cena final do sonho. Tendo em vista os acontecimentos na narrativa onírica em questão, ressalta-se que, para alcançar seu bebê, Vitória precisava passar por um caminho formado por água que, como já foi apontado anteriormente, pode ser vista como uma representação de transformação. Assim sendo, é possível pensar que, para alcançar seu papel materno e ter seu filho ao final da gestação, a sonhadora deve passar por um processo de mudanças. Vale refletir que a voluntária desiste de finalizar o circuito de água no sonho e apresenta uma disposição afetiva de frustração e medo diante de seu papel materno, cenário que pode indicar uma necessidade de continuidade nesse processo de alterações, de forma a possibilitar um fortalecimento diante do novo papel que passa a desempenhar.

6.3.2 Presença do materno

Observando os sonhos coletados ao longo dos encontros realizados, verifica-se a presença de representações simbólicas do materno em alguns sonhos das duas voluntárias entrevistadas. No quarto sonho apresentado por Carla, por exemplo, é desenvolvida uma narrativa em que a mãe da sonhadora é sequestrada. A participante persegue os sequestradores, até que estes são interceptados e Carla consegue salvar sua mãe, que manifestava uma aparência descrita pela participante como magra e estranha. Ao final do sonho, Carla leva sua mãe para casa, a coloca em uma cama e a alimenta. Diante da produção onírica relatada, é importante trazer uma ideia levantada por Gallbach (2024) durante a análise dos sonhos das gestantes com quem desenvolveu seu trabalho. Segundo a autora, “A mobilização dos aspectos de filha, através de referências à mãe nos sonhos, presença desta ou sua ausência, a percepção dos aspectos positivos e negativos, ou não tão completos da mãe, de faltas,

ajudam na elaboração de aspectos maternos próprios” (Gallbach, 2024, p. 142). Considerando essa colocação e pensando em possíveis compreensões simbólicas para o sonho acima, a mãe da participante pode ser vista como representações dos seus próprios aspectos maternos. A partir do movimento do sonho, é possível pensar que a sonhadora passa por uma aventura para alcançar os elementos que caracterizam seu materno, também conceituado como sua base instintiva (Von Franz, 1992). No sonho, a personagem consegue salvar sua possível representação simbólica do materno, que se encontra fraca, e, ao final, apresenta uma postura de nutrir e investir no cuidado dessa figura materna, possibilitando seu fortalecimento. Logo, manifesta uma aproximação de uma possível imagem dos seus aspectos maternos próprios ou até uma postura que representa o atributo positivo do arquétipo materno, caracterizado pelas ações de aquecer, acolher e nutrir, como citado em capítulos anteriores (Neumann, 2006, apud Silveira, 2015).

No quinto sonho que compõem sua série, Carla relata novamente a aparição de sua mãe. Assim como foi pontuado, tendo em vista a inundação que ocorria no chalé que se encontrava, a sonhadora sente um desejo de achar sua mãe, que pode assumir a significação de “[...] segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação” (Chevalier e Gheerbrandt, 2015, p. 580), sentido que justificaria a vontade da sonhadora de encontrá-la frente ao cenário descrito. Entretanto, também pode-se levantar outra possível compreensão que a personagem da mãe exerce em seu sonho: no subtópico anterior, foi apontado que as imagens de inundação podem ser uma representação de um desequilíbrio no campo psíquico do indivíduo causado por um movimento de reestruturação. Nota-se que, na narrativa onírica, a inundação se encerra quando Carla encontra sua mãe, que pode simbolizar seus aspectos maternos próprios. Em outras palavras, no sonho, quando a participante finalmente consegue achar uma possível representação dos elementos que compõem seu materno, o equilíbrio é restaurado, podendo indicar uma finalização do processo de mudança. É essencial colocar que, ao acordar, Carla apresentou um sentimento de alívio, quadro que pode ser derivado desse encontro que permitiu a quebra do desequilíbrio vivenciado por ela no sonho.

Vale destacar um último sonho de Carla em que ao mexer em alguns pertences de seu bebê, se depara com um presente de uma amiga antiga a ela. Junto a ele, a sonhadora encontra uma carta de tal amiga, dizendo que estava muito feliz por sua gestação e apontando algumas características que a descreviam positivamente como mãe. De acordo com Chevalier e Gheerbrandt (2015), um presente pode ser visto como o início de um ciclo vivenciado pela sonhadora, podendo estar relacionado ao começo da fase em que se tornará mãe de fato, por exemplo. Além disso, segundo Von Franz (1992), alguns povos apresentam a crença de que pedras manifestam poderes, podendo simbolizar o divino e o sagrado. Os autores também afirmam que os aborígenes e os germânicos acreditavam que se as mulheres cruzassem com uma pedra, elas engravidaram, pois, as pedras davam

origem à alma dos recém-nascidos, que depois penetravam o útero (Von Franz, 1992). Tendo em vista o possível sentido simbólico que a pedra pode assumir relacionado ao início da vida e o fato de que, no sonho, a amiga da participante diz em sua carta que o presente que recebera era para trazer sorte e proteção, é possível realizar uma aproximação entre esse desejo e a gestação da sonhadora.

Ao olhar para os sonhos de Vitória, também se nota a existência de símbolos que podem representar o materno. No primeiro sonho coletado, a participante narra a presença de um espírito, descrito como um vulto escuro, dentro do seu quarto a observando e outro parado em frente a casa de sua mãe. Von Franz (1992), ao analisar um sonho contendo a figura transpessoal de um espírito, aponta que a narrativa onírica estava indicando que o sonhador estava sendo assombrado por uma fantasia que transmite sua energia psíquica, e não por um aspecto da realidade. Considerando a descrição da sonhadora de que o espírito era um vulto escuro, é possível pensar que essa fantasia pode estar relacionada com a sombra da voluntária. Ademais, tendo em mente que os espíritos se voltavam para Vitória e sua mãe, pode-se refletir sobre uma representação do Ego e dos aspectos maternos da sonhadora. Pontua-se também que, considerando que a sombra é formada por elementos que não aceitamos ou não reconhecemos como nosso, algo que exige um processo muitas vezes desconfortável por parte do indivíduo, pode contribuir para entender o sentimento de medo vivenciado pela voluntária ao acordar desse sonho.

Já no terceiro e no sexto sonhos de Vitória, percebe-se a presença de um berço nas produções oníricas, elemento que pode simbolizar o seio materno e a proteção. Ainda sobre a sexta narrativa onírica apresentada por Vitória, vale comentar sobre o desenvolvimento dos eventos, visto que, após passar o dia passeando com a família, a participante questiona sua mãe sobre o paradeiro de sua filha, sendo que esta diz que a deixou em casa assistindo televisão. Depois de revelar o final do sonho, em que não consegue chegar em casa, Vitória pontua uma insegurança frente a seu papel materno, dizendo temer não escolher os caminhos mais fáceis para alcançar as coisas desejadas. Diante disso, retoma-se a importância do sonho, visto que traz à tona símbolos que representam emoções, inseguranças e pensamentos, permitindo que os sonhadores possam entrar em contato com esse conteúdo e possam reorganizar-se emocionalmente a nível consciente.

6.3.3 Presença de figuras familiares e aspectos ligados à infância

Ao longo dos encontros realizados com as voluntárias, foi possível notar que seus sonhos apresentavam outro aspecto em comum: a existência de imagens ligadas a sua família e sua infância. Gallbach (2024) afirma que a gestação provoca a constelação de elementos na psique, levando a uma

conexão com aspectos referentes à origem e à família do indivíduo, cenário que poderia ajudar a compreender a presença de tais figuras nas narrativas oníricas das mulheres entrevistadas.

Em alguns sonhos de Carla, percebe-se a aparição de seu pai. No segundo sonho coletado, por exemplo, sua figura paterna insiste para que a sonhadora não surfe, tendo em vista o estado agitado do mar, e, diante do retorno da sua filha para a praia após a prancha quebrar, briga com ela, dizendo que foi teimosa. Segundo Jung (2017), a representação simbólica do pai nos sonhos pode ser vista como uma espécie de guia, característica que converge com a postura do pai de Carla na produção onírica descrita, visto que forneceu um direcionamento para a sonhadora frente ao mar “bravo” e fez comentários ao final do sonho considerando suas ações. Também se observa a presença da figura paterna de Carla em seu terceiro sonho, em que a acompanha e é direcionada por ela no cenário retratado. Tendo em mente que a participante assume o papel de guia dos outros personagens no sonho, pode-se pensar em outra possível compreensão para seu pai neste sonho. Chevalier e Gheerbrandt (2015) pontuam que o pai pode ser um símbolo que carrega o sentido de limitar a emancipação do indivíduo ou que representa o campo consciente diante do lado instintivo e do inconsciente. Sendo assim, retomando a ideia de que a água pode ser vista como o inconsciente dos sonhadores e que o objetivo de Carla na produção onírica era não mergulhar na piscina, o seu pai pode assumir um papel que reforça tal intuito da personagem, a acompanhando em seu trajeto que não a conecta com seu campo inconsciente.

Já Vitória relata, em seu segundo sonho, a presença de seu avô falecido. Na narrativa onírica, a sonhadora apresenta o desejo de fazer uma surpresa para seu avô com o intuito de compartilhar a notícia de sua gestação. Depois de contar essa produção onírica, a participante relata ter sentido saudades ao acordar e comenta que foi uma maneira de expor a novidade relacionada à sua gravidez. Assim sendo, através do sonho, pôde realizar um desejo não passível de ser concretizado na realidade, de forma a preencher certa lacuna pendente. Vale apontar que Vitória descreve outros dois sonhos com figuras familiares, sendo que em ambos estava passeando com sua mãe e seu irmão em alguma parte da narrativa onírica. Considerando as pontuações prévias de possíveis compreensões que podem ser atribuídas a personagem da mãe nos sonhos e que o irmão da participante apareceu em mais de um deles, também é interessante levantar alguns sentidos esse pode ter. Jung (2017) pontua que um irmão pode simbolizar relações com alta carga emocional ou elementos atrelados à dor, cuidado e perda. Lembrando que para Jung cada parte do sonho representa aspectos subjetivos do próprio sonhador, é importante compreender qual a parte da sonhadora que está representada pela imagem de seu irmão.

Outra imagem presente em mais de um sonho de Carla foi a casa. Segundo Jung (2017) e BACE (18, *apud* Chevalier e Gheerbrandt, 2015), a casa pode se referir à vida cotidiana do sonhador

ou simbolizar aspectos da alma do indivíduo, respectivamente. Além disso, a casa pode ser entendida como representação do feminino, indicando refúgio e segurança (BACV, 14; apud Chevalier e Gheerbrandt, 2015). No início do quarto sonho apresentado por Carla, a participante estava chegando em casa quando encontrou o portão entreaberto e viu sua mãe saindo de lá no carro de sequestradores. Ao final da produção onírica em questão, a sonhadora consegue salvar sua mãe e retorna com ela para casa. Levando em consideração as possíveis compreensões que a figura da mãe pode ter simbolicamente, pode-se pensar que, no sonho, os aspectos maternos próprios da sonhadora são afastados de uma possível representação de alma ou de seu feminino, até que são resgatados por ela e retornam ao seu local de origem, onde são alimentados e fortalecidos após uma jornada. Outro sentido que pode ser atribuído é que após um percurso árduo, os elementos que compõem o materno da participante são incorporados em sua vida habitual e passam a receber cuidados e investimentos, de forma a serem fortalecidos. Uma compreensão similar pode ser colocada frente ao sonho em que Carla é perseguida por uma espécie de cavalo, até encontrar a moradia que gostaria de morar. Diante disso, é possível refletir que, depois de um trajeto longo, cansativo e perigoso, a sonhadora encontrou proteção e refúgio.

Além de verificar o elemento casa em seus sonhos, vale destacar que, em algumas figuras, é atribuída a descrição “da minha infância” por Carla. Esse cenário também foi observado por Gallbach após coletar os sonhos de 5 gestantes e, de acordo com a intelectual, a presença de aspectos ligados à infância dos indivíduos pode estar relacionada a um não encerramento de padrões básicos de cuidado característicos do período em questão, fazendo com que seja algo latente no campo do inconsciente (Gallbach, 2024). Logo, tanto no sonho em que a participante se encontra no acampamento que frequentou quando era jovem quanto na narrativa onírica que se inicia na casa de praia de sua família poderia-se pensar em uma latência de cuidados ou aspectos ligados à infância que continuam em aberto. Entretanto, é importante refletir que, após compartilhar o sonho envolvendo a casa de praia de sua família, a participante relata que acordou com saudades dos momentos que passou com seus familiares no passado. Isso indica aspectos seus representados por uma família internalizada que traz momentos de relações boas e de alegrias. Esse sentimento é importante num momento em que vai iniciar a construção de sua nova família. Por fim, tem-se o último sonho da série de Carla, em que se encontra abrindo presentes do seu filho que estavam guardados no quarto de seus pais. Diante disso, é possível que esse cenário indique um desenvolvimento ainda inicial do lado materno da sonhadora ou até uma resistência de aspectos infantis em sua psique frente ao materno, visto que os presentes de seu filho se localizam em um espaço ocupado por ela em sua infância e muito ligado a esse período.

6.3.4 Representações de animais

Na Psicologia Analítica, ao refletir sobre um possível simbolismo que animais podem ter, retoma-se o conceito de arquétipos, uma vez que os seres vivos mencionados podem representar “[...] as camadas profundas do Inconsciente e do instinto” (Chevalier e Gheerbrandt, 2015, p. 57). Conforme apontado por Jung (2017), diante da existência de um animal no material onírico, é necessário compreender seu sentido simbólico com base em suas características na realidade. Ainda em relação à presença de representações de animais nos sonhos, Gallbach (2024) indica que, quando aparecem em contextos oníricos relacionados ao cuidado materno, dão uma oportunidade para a mulher cultivar suas maneiras de zelar por um ser frágil, gerando um espaço materno-afetivo. Gallbach (2024) também coloca que símbolos envolvendo animais podem contribuir para o processo de aceitação de suas características instintivas. Após a apresentação de tais ideias, ressalta-se que é possível identificar a presença de alguns animais na série de sonhos de Carla e Vitória.

No primeiro sonho relatado por Carla, observa-se um hipopótamo com a cabeça apoiada na perna da participante e a olhando ininterruptamente. Segundo Chevalier e Gheerbrandt (2015), no Egito, a figura do hipopótamo simboliza tanto a expressão de forças negativas quanto a fecundidade. Ademais, Chevalier e Gheerbrandt (2015) discorrem sobre possíveis compreensões que a imagem de uma perna pode assumir em um conteúdo simbólico. Os autores mencionados apontam que a parte do corpo em questão pode indicar um vínculo social, dando espaço e aproximação para as relações se iniciarem. Diante do exposto, uma possível compreensão que o sonho pode possuir diz respeito à construção da relação da sonhadora com os aspectos ligados à sua capacidade reprodutiva, dinâmica que pode indicar o motivo por trás da postura da participante de curiosidade, caracterizada por questionamentos frente a algo novo e diferente. Vale pensar que, seguindo a ideia de Gallbach (2024) de que a presença de animais nos sonhos permite que a gestante trabalhe suas características voltadas ao zelo e proteção, esta produção onírica daria oportunidade para isso, pois, neste sonho, a participante cuida do hipopótamo, estando atenta a possíveis aproximações de suas amigas.

Em um sonho posterior, Carla apresenta novamente imagens de alguns animais. Nessa narrativa onírica, a personagem da voluntária se encontra em um campo e avista certos animais, como cavalos, leões e zebras. Após um tempo, um dos bichos, descrito pela sonhadora como semelhante a um cavalo zebrado, a persegue, fazendo com que ela fuja desesperadamente. Tendo em vista a figura que correu atrás de Carla em seu sonho, é interessante levantar possíveis compreensões simbólicas que o cavalo pode ter. De acordo com Chevalier e Gheerbrandt (2015), por exemplo, o cavalo, em seu lado arquetípico, pode significar tanto a morte e origem de conflito quanto a vida e fonte de paz.

Tendo em mente o medo relatado pela sonhadora em relação à perseguição do cavalo, este pode ser visto com base em seu lado destruidor. Sendo assim, pode representar na tentativa de aproximação de uma força negativa diante de Carla ou, até construindo uma possível associação voltada à gestação, pode indicar a fragilidade desse período, caracterizado por inseguranças, angústias e a vulnerabilidade do feto frente a certos eventos e condições. Além disso, vale apontar que “[...] se alguém reprime ou suprime reações emocionais instintivas, um animal hostil pode aparecer nos sonhos” (Von Franz, 1992, p. 47). Logo, a presença desse cavalo no sonho de Carla pode indicar que a participante está reprimindo aspectos emocionais ligados ao seu lado instintivo.

Vitória, em seu primeiro encontro, também expõe um sonho que possui a representação simbólica de um animal. Em sua terceira produção onírica coletada, a personagem entra em seu apartamento, com sua mãe e seu irmão, empurrando um carrinho de bebê. Ao olhar para seu interior, encontra um rato, descrito por ela como “fofo”. Considerando a caracterização fornecida pela sonhadora ao animal presente em seu sonho e os sentimentos de acolhimento e tranquilidade vivenciados por ela ao acordar, foram deixadas de lado possíveis compreensões simbólicas mais negativas, geralmente associadas ao rato. Resgatando Jung (2017), que acreditava que os animais deveriam ser analisados com base em seus atributos, é possível realizar esse exercício com o rato do sonho de Vitória. Jung (2017) descreve os ratos como mamíferos que se manifestam mais ao longo do período noturno e pontua que o animal em questão possui uma capacidade de reprodução que se sobressai. Sendo assim, também pode ser visto como um símbolo de fertilidade ou do desejo da mulher por essa condição (Jung, 2017). Depois de tais colocações, é possível retomar o sonho de Vitória, apresentado a ela logo após a descoberta de sua gestação. Tendo em vista que o rato, em sua narrativa onírica, está posicionado no lugar de um bebê, é possível que indique uma certa aproximação da sonhadora com sua fertilidade e características maternas ou até início do desenvolvimento de novas potencialidades associadas a isso em sua alma, que pode ser representado por seu apartamento.

6.3.5 Símbolos relacionados à destruição, invasão ou perseguição

Ao se atentar para os conteúdos presentes nos sonhos das voluntárias, vale destacar a dinâmica que as imagens apresentam nas narrativas desenvolvidas. Primeiramente, é possível identificar algumas produções oníricas caracterizadas por uma espécie de destruição. No segundo sonho de Carla, por exemplo, a prancha que a personagem da participante utiliza para tentar surfar no mar agitado quebra com o passar da narrativa. Pensando que a prancha era uma que sua irmã usava na infância, sua destruição causada pelo movimento do mar pode ser entendida como o afastamento de

um aspecto infantil de sua dinâmica psíquica provocado por uma transformação vivenciada pela sonhadora. Outra possível compreensão é que a sonhadora deve fortalecer seu Ego, de forma a afastar aspectos infantis da sua psique, para que consiga desenvolver a potencialidade do seu materno.

Carla apresenta posteriormente outra narrativa onírica que vale ser destacada. Nessa, sua casa de praia é ocupada por pessoas que estavam na praia devido à subida da maré para essa região. Após um tempo, as pessoas que passaram a frequentar sua moradia organizaram um churrasco e, uma delas, acende um fósforo e coloca fogo nas árvores perto de sua casa. Frente a isso, é importante pontuar possíveis compreensões simbólicas que o elemento fogo pode assumir, sendo interessante colocar que foi uma imagem que quase não apareceu nos sonhos coletados por Gallbach (2024). Conforme Chevalier e Gheerbrandt (2015), o fogo possui um atributo destruidor e apresenta um lado purificador e iluminador. Jung (2017) também aponta para o aspecto destruidor do fogo, acrescentando a ideia de que tal elemento provoca um processo de transformação de certas misturas e objetos por conta do calor transmitido por ele. Diante disso, o fogo presente no sonho pode ser visto como um processo de mudança da sonhadora, que leva a incorporação de algum aspecto ou sua destruição. Entretanto, também é interessante refletir que, frente ao clímax em questão, o sonho manifesta, no final a solução em que todos conseguem apagar o fogo, demonstrando uma certa interrupção na transformação provocada pelo fogo.

Em um dos sonhos de Vitória também se nota a presença de uma dinâmica entre as imagens que provoca uma destruição. Na quinta produção onírica relatada pela voluntária, bombas de água são liberadas por um avião no local que sua personagem e seus amigos se encontram, levando a destruição de parte da cobertura de um posto de gasolina. Com base nos acontecimentos do sonho, busca-se entender qual sentido os elementos representados podem possuir. De acordo com Chevalier e Gheerbrandt (2015), a liberação de bombas por um avião pode indicar um desejo de libertação de aspectos que se encontram no inconsciente e foram negligenciados. Ao retomar as possíveis compreensões simbólicas que a água pode ter, o sonho de Vitória pode simbolizar uma manifestação de questões presentes no inconsciente, até então deixadas de lado, que procuram gerar alterações em estruturas pré-existentes da sonhadora, as reorganizando.

Após apontar dinâmicas relacionadas à destruição nos sonhos das participantes desta pesquisa, também é válido refletir sobre outro tipo de interação observada: a invasão. Na quinta produção onírica de Carla, um fluxo de água começa a entrar no chalé ocupada pela personagem da voluntária em questão e por seus amigos, sendo que pode simbolizar fertilidade ou um certo desequilíbrio encontrado nas estruturas da sonhadora, como foi apontado no primeiro sub tópico deste capítulo. No seu sonho seguinte verifica-se novamente a presença desse tipo de dinâmica, uma vez que as pessoas que se encontravam na praia invadem a casa de sua família, podendo significar a incorporação de

novos aspectos em sua vida habitual após uma mudança, possivelmente simbolizados pela casa e pela água, respectivamente. No primeiro sonho de Vitória também se nota uma espécie de invasão, visto que um vulto escuro entra no quarto da participante e a observa, podendo representar a constelação de conteúdos sombrios.

Por fim, é possível realizar o mesmo exercício com narrativas oníricas envolvendo a perseguição entre as personagens presentes nos sonhos. Em seu segundo encontro, Carla apresentou um material onírico em que sua mãe é sequestrada e ela corre atrás do carro onde ela foi jogada. Tendo em vista essa dinâmica e ao traçar uma possível compreensão simbólica, nota-se que a sonhadora percorre um caminho árduo e desafiador para alcançar seus aspectos maternos, como colocado anteriormente. Carla apresentou outro sonho com a dinâmica de perseguição. Na sexta narrativa onírica relatada por ela, sua personagem foge de um cavalo, cuja postura era hostil. Como colocado no subtópico anterior essa movimentação do animal diante da figura da sonhadora pode representar uma aproximação de um aspecto destruidor em relação a Carla, a presença de inseguranças ligadas à fragilidade da gestação ou a manifestação de aspectos instintivos em sua psique.

6.3.6 Representações de diferentes tecidos

Em dois dos sonhos de Vitória, é possível identificar a presença de imagens de espécies de tecido. Segundo Chevalier e Gheerbrandt (2015), o trabalho desenvolvido na tecelagem é semelhante a um trabalho de parto, posto que envolve a criação de algo novo e único. Além disso, assim que o tecido fica pronto, o trabalhador responsável corta os fios que o unem ao tear, de maneira similar ao que é realizado após o parto, momento em que o cordão umbilical, que prende o bebê a mãe, é cortado. Os autores em questão também colocam que o tecido e o fio podem ser vistos como uma representação simbólica do destino e de eventos que o influenciam.

No quarto sonho relatado por Vitória, nota-se um diálogo da participante com outra personagem, em que afirma que quanto maior a quantidade de fios de um lençol, melhor sua qualidade, indicando também sua preferência por um desse tipo de material feito com 300 fios. Ao traçar possíveis compreensões simbólicas para esse sonho, retoma-se as ideias colocadas e entende-se que o lençol pode ser visto como uma aproximação ao trabalho de parto ou à geração de algo novo e positivo, formado por uma quantidade grande de aspectos únicos. Um outro sentido que poderia ser colocado é que o lençol faz referência a algum aspecto do futuro da sonhadora.

Já no sétimo sonho da participante em questão, Vitória se encontra tomando um chá da tarde com uma amiga e a mãe dessa, que estavam vestindo túnicas com brilho. Segundo Gallbach (2024),

símbolos envolvendo roupas podem ser entendidas como representações de aspectos relacionados à máscara social do indivíduo, ou seja, à maneira como a pessoa se apresenta e age diante dos outros. Von Franz (1992) complementam essa ideia, pontuando que imagens envolvendo o estar nu, por demonstrarem o corpo da pessoa, sem nada o cobrindo, podem simbolizar o indivíduo como realmente é. Ao focar mais especificamente na túnica, Chevalier e Gheerbrandt (2015) colocam uma ideia diferente da postulada por Gallbach (2024), pois dizem que as túnicas podem ser representações simbólicas da alma do sujeito ou de uma ligação com o espírito. Frente a característica das túnicas no sonho de terem brilho, atributo que permite um certo destaque, e ao fato de que as participantes se encontram em um momento de socialização, a presença da roupa em questão no sonho pode ser vista como uma possível aproximação da sonhadora com aspectos importantes da sua alma.

6.3.7 Possíveis representações de medos e inseguranças relacionados à gestação

Por fim, é interessante destacar alguns relatos colocados pelas participantes diante dos sonhos ao longo dos encontros, visto que podem indicar inseguranças e angústias das voluntárias ligadas à gestação. Tendo em vista a impossibilidade de analisar a nível pessoal o material colhido devido às limitações desta pesquisa, essas ideias serão apenas pontuadas e algumas possíveis conexões com seu material onírico serão traçadas.

Um primeiro ponto que vale ser citado diz respeito à segunda narrativa onírica de Carla, que manifesta, ao final, seu pai e sua irmã a definindo como teimosa por ter decidido surfar em um mar agitado. Ao relatar esse pedaço do sonho, a participante indica que a postura de seus familiares descrita poderia ocorrer na realidade, uma vez que apresentaram reações similares às suas respostas reais. Seria interessante refletir se essa dinâmica no sonho está relacionada a essa semelhança com a realidade, como relatada pela sonhadora, ou se poderia simbolizar projeções de inseguranças da participante em seu pai e sua irmã, por exemplo. Tais possíveis angústias e medos podem estar voltadas para a fase de gestação vivenciada pela sonhadora, considerando a hipótese pontuada no primeiro subtópico deste capítulo, que indica que o mar pode ser visto como representação simbólica de um processo de transformação pelo qual a sonhadora passa ou de aspectos que se encontram em seu inconsciente.

Vitória também faz um comentário que indica um medo e uma insegurança relacionado ao seu papel materno. Em seu sexto sonho, a personagem da participante esquece seu bebê em casa e tenta, com o passar da narrativa, retornar para seu apartamento, missão que não consegue concluir. Após apresentar seu sonho, a voluntária relata uma angústia diante da possibilidade de, quando for mãe, não conseguir assumir uma postura mais objetiva e fazer escolhas que a permitam resolver as

situações de uma maneira mais tranquila. Vale colocar que seria válido discutir mais a fundo sobre esse sentimento da participante em uma psicoterapia, que possibilitaria uma compreensão mais clara dessa angústia e seu fortalecimento psíquico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve, como finalidade, observar e analisar as expressões simbólicas que surgem nos sonhos de mulheres no primeiro semestre da gestação e as sensações que possuem ao acordar. Diante desse objetivo, foram realizados 4 encontros remotos e individuais com 2 participantes que se encontravam nos primeiros 6 meses da gravidez, onde seus sonhos eram compartilhados e registrados.

Acredita-se que o objetivo proposto foi alcançado, visto que, frente ao material onírico reunido, pôde-se identificar as imagens presentes nos sonhos das voluntárias e traçar possíveis compreensões simbólicas que poderiam ter, com base nas narrativas retratadas e nas ideias levantadas por alguns autores. A partir das possíveis traduções apontadas, percebe-se que os sonhos das participantes contêm imagens que podem representar aspectos presentes em seu inconsciente, como a água, elemento com presença marcante no material onírico coletado. É importante verificar a postura da personagem das sonhadoras frente a esses símbolos e a dinâmica que tais imagens possuem na narrativa onírica. Em alguns sonhos podem indicar a repressão de certas potencialidades e atributos inconscientes, acompanhado de uma certa resistência de acessar esses conteúdos, compreensões levantadas, por exemplo, diante da figura do cavalo e do pai de Carla, respectivamente. Entretanto, com base na atitude das voluntárias no sonho e no movimento apresentado pelos símbolos, como o lançamento de bombas de água e a invasão de um vulto escuro na casa da sonhadora, também é possível pensar em um desejo e uma necessidade de libertação de conteúdos inconscientes, que devem ser olhados para permitir a ampliação da consciência e o consequente fortalecimento psíquico das sonhadoras.

Entrar em contato com angústias, pensamentos, potencialidades e outros aspectos do inconsciente das participantes possibilita uma reorganização das estruturas psíquicas existentes até então, dinâmica possivelmente presente em seus sonhos, uma vez que pode ser representada pelas inundações de água e pela destruição provocada pelas bombas de água. Sendo assim, tem-se, por exemplo, a quebra da prancha da irmã de Carla em um de seus primeiros sonhos, que pode simbolizar um afastamento de um aspecto infantil de sua psique. Além disso, símbolos oníricos como o mar, as ondas, o fogo e pessoas invadindo a casa da sonhadora podem indicar a incorporação de novos atributos em sua vida habitual, promovendo uma transformação.

Ao considerar o momento vivenciado pelas participantes, reflete-se sobre a relação entre a possível transformação representada nos sonhos e sua gestação, período caracterizado por inúmeras mudanças. Vale retomar imagens que apareceram nos sonhos das voluntárias que podem ser compreendidas como possíveis simbolizações de aspectos voltados ao materno e à gravidez. Nota-se

a presença de alguns animais, possíveis traduções das características de zelo e proteção, sendo interessante ressaltar a representação do hipopótamo e do rato, que podem ser vistos como símbolos da capacidade reprodutiva e da fertilidade, respectivamente. Tem-se, também, a imagem de inundação, que pode indicar fertilidade; e a representação de diferentes tecidos, como o lençol, que pode ser compreendido como uma aproximação ao trabalho de parto ou à geração de algo novo e único, e a túnica brilhante, que pode ser vista como aspectos importantes da alma da sonhadora. É essencial destacar a representação da mãe das sonhadoras em suas produções oníricas, também muito marcantes e que podem simbolizar os aspectos maternos próprios das sonhadoras. Vale ressaltar a busca por e a aproximação da personagem das participantes em relação à figura materna, além de um cuidado diante dela. Com isso, pode indicar um investimento nesses atributos de sua personalidade, de forma a possibilitar uma nova relação com seu corpo e uma incorporação desse novo papel, questões que acompanham a gestação.

Por outro lado, por mais que tenham sido traçadas algumas possíveis compreensões simbólicas do material coletado, é necessário retomar novamente a impossibilidade desta pesquisa de realizar uma análise mais aprofundada e pessoal das imagens presentes nos sonhos, tendo em vista a falta de um contexto terapêutico e de uma proposta metodológica que visasse a interpretação de sonhos no âmbito da psicoterapia. Entretanto, coloca-se que, em futuras pesquisas, relevantes ao considerar a quantidade escassa de trabalhos recentes, seria de extrema importância construir uma análise mais pessoal das produções oníricas das participantes. Isso é colocado, uma vez que, para Jung, cada elemento do sonho simboliza aspectos subjetivos do próprio sonhador, e se aprofundar nessas questões poderia proporcionar uma maior compreensão do material onírico e potencializar o desenvolvimento psíquico. Também é importante levantar outro limite da presente pesquisa: a presença de poucas participantes. A participação de um número maior de voluntárias possibilitaria a construção de uma análise comparativa mais rica, por exemplo.

Tendo em vista as possíveis compreensões levantadas, retoma-se a importância do trabalho com o material onírico na gestação. A análise dos sonhos, caracterizados por representações simbólicas de aspectos conscientes e inconscientes, possibilita ao indivíduo uma maior compreensão de si, de forma a investir em seu processo de individuação. Durante a gravidez, período de transição caracterizado por inúmeras mudanças físicas, sociais e psicológicas, olhar atentamente para as imagens oníricas pode permitir que as mulheres identifiquem questões que interferem em seu estado emocional, conheçam novas possibilidades e se preparem para essa nova fase por meio da compreensão e incorporação de aspectos relacionados ao seu materno (Gallbach, 2024). Sendo assim, a atividade mencionada tem potencial para contribuir para o bem-estar das gestantes e promover um fortalecimento psíquico frente a inúmeras novidades que acompanham esse momento de suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORSA, Juliane Callegaro. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. 2007. 11 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>. Acesso em: 03/10/2023.

CAMPANARIO, Elisa Villaça. O arquétipo materno sob a luz da psicologia analítica de CG Jung. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/19254>. Acesso em: 09/10/2024.

CARUSO, Milena Veras. A elaboração dos pesadelos por meio de técnicas expressivas segundo a perspectiva da psicologia analítica. 2022.

CATTA-PRETA, Marisa Vicente. Sonhos e insônia: o uso de imagens oníricas como instrumento terapêutico no auxílio ao tratamento de indivíduos insones. 2009.

_____. Pontes imagéticas entre a vida e a morte: Avaliação dos aspectos psicológicos de pacientes com doença oncológica avançada por meio do trabalho com sonhos e o uso de técnicas expressivas. 2023.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 2015.

DA CUNHA, Aline Borba; RICKEN, Jéssica Xister; DE LIMA, Priscila; GIL, Solange; CYRINO, Luiz Arthur Rangel. A importância do acompanhamento psicológico durante a gestação em relação aos aspectos que podem prevenir a depressão pós-parto. **Saúde e Pesquisa**, v. 5, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/2427>. Acesso em: 25/09/2024.

DAGAN, Yaron; LAPIDOT, Anat; EISENSTEIN, Michal. Women's dreams reported during first pregnancy. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, v. 55, n. 1, p. 13-20, 2001.

GALLBACH, Marion Rauscher. **Sonhos e gravidez**. Paulus Editora, 2024.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. [1958]. Editora Vozes Limitada, 2000.

- _____. **A natureza da psique**, O.C. VIII/2. [1916]. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **A vida simbólica – volume 1**, O.C. XVIII/1. [1957]. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. 7 ed. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1996.
- _____. **O eu e o inconsciente**. 1 ed. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2011a.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo Vol. 9/1**. [1919]. Editora Vozes Limitada, 2018.
- _____. **Psicologia do inconsciente**. Editora Vozes Limitada, 2011b.
- _____. **Seminários sobre análise de sonhos: notas do seminário dado em 1928-1930 por CG Jung**. Editora Vozes Limitada, 2017.

KAST, Verena. **Pais e filhas, mães e filhos: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno**. Edicoes Loyola, 1997.

LARA-CARRASCO, Jessica; SIMARD, Valérie; SAINT-ONGE, Kadia; LAMOUREUX-TREMBLAYA, Vickie; NIELSEN, Tore. Disturbed dreaming during the third trimester of pregnancy. **Sleep medicine**, v. 15, n. 6, p. 694-700, 2014.

MANCUSO, Alfredo, DE VIVOA, Antonio; FANARAB, Giusi; SETTINERI, Salvatore; GIACOBBE, Annamaria; PIZZO, Alfonsa. Emotional state and dreams in pregnant women. **Psychiatry research**, v. 160, n. 3, p. 380-386, 2008.

MOREIRA, L. B. Gravidez: ser mulher, tornar-se mãe. 2017. 21 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Programa de Aprimoramento Profissional - Pap, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ses-34500>. Acesso em: 03/10/2023.

PENNA, Eloisa. Epistemologia e método na obra de CG Jung. In: **Epistemologia e método na obra de CG Jung**. 2013. p. 165-176.

SALVADOR, Ester Luana Costa João; GOMES, Karin Martins. FATORES PSICOSSOCIAIS ASSOCIADOS AO PERÍODO GRAVÍDICO-PUERPERAL DA MULHER: UMA REVISÃO NÃO

SISTEMÁTICA. **Revista de Iniciação Científica**, v. 18, n. 1, p. 54-64, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unesc.net/ojs/index.php/iniciacaocientifica/article/view/5205>. Acesso em: 11/09/2024.

SANTOS, Maria Eysianne Alves; CALHEIROS, Monique Silva; DA SILVA, Lucas Kayzan Barbosa. Transtornos Mentais na gestação: revisão integrativa. **Diversitas Journal**, v. 6, n. 2, p. 2382-2394, 2021. Disponível em: https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1355. Acesso em: 12/09/2024.

SCARPELLI, Serena; ALFONSI, Valentina; DE GENNARO, Luigi; GORGONI, Maurizio. Dreaming for two: A systematic review of mental sleep activity during pregnancy. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, p. 105763, 2024.

SILVEIRA, Danieli Munique Fontes da. O arquétipo da grande mãe na representação da bruxa em contos fantásticos hispânicos contemporâneos. 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1be6903c-e1df-4dd5-9d83-dcb7b8430bec/content>. Acesso em: 08/10/2024.

SPINONI, Marta; SCARPELLI, Serena; BENEDETTI, Ilaria Di Pasquale; MED, Carlotta; COLLI, Paola; RECH, Francesco; DE GENNARO, Luigi; GRANO, Caterina. The association between dream activity and alexithymia during pregnancy: A cross-sectional study in a sample of pregnant women. **Journal of Sleep Research**, p. e14423, 2024.

STEIN, Murray. O mapa da alma. Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1992.

WHITMONT, Edward C. **Busca Do Símbolo, a**. Editora Cultrix, 1998.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3, p. 16-16, 2017. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2646. Acesso em: 11/09/2024.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Conforme Resolução Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016 - MS/CNS/CONEP

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Sonhos de Gestantes: uma Análise de Relatos Oníricos Sob a Perspectiva da Psicologia Analítica” (nível Trabalho de Conclusão de Curso), sob responsabilidade da pesquisadora Camila Mei Janikian e supervisão da Profa. Marisa Vicente Catta-Preta (contatos de ambas abaixo). Após esclarecido(a) sobre os objetivos, métodos e procedimentos do estudo e demais informações a seguir e, no caso de aceitar fazer parte do estudo, pedimos que assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, não haverá qualquer prejuízo na sua relação comigo e com a instituição da qual faço parte.

Essa pesquisa visa, a partir de cinco encontros prolongados com entrevistas semiabertas e com a realização de um questionário inicial no primeiro deles, observar e analisar as expressões simbólicas que surgem nos sonhos de mulheres no primeiro semestre da gestação e as sensações que possuem ao acordar. O objetivo dessa entrevista é estritamente acadêmico. Destacamos que sua participação é voluntária e que a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento. A não-autorização do uso do material também pode ser requisitada em qualquer tempo. Além disso, o sigilo está garantido e sua identidade não será revelada. Você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa nos contatos abaixo durante a entrevista ou a qualquer momento. O material poderá ser utilizado em futura publicação, sempre com finalidade acadêmica. Você não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração.

Importante mencionar que, mesmo que mínimos, podem ocorrer incômodos emocionais resultantes à uma possível, porém improvável, entrada em contato com núcleos afetivos inconscientes que possam vir a ser sensibilizados no decorrer dos encontros e dos relatos oníricos. Com essa possibilidade em vista, nos comprometemos, dentro de uma posição ética e sensível, assegurar os cuidados a fim de evitar e minimizar tais desconfortos ao longo de todo o processo. No momento em que quiser interromper as entrevistas, isso poderá ocorrer imediatamente.

Mesmo que não de uma forma direta, os desdobramentos da pesquisa e a análise dos resultados que emergirem ao fim do processo poderão contribuir amplamente para a compreensão da produção simbólica e dos conteúdos inconscientes que podem permear mulheres que estejam no

primeiro semestre da gestação, passam por mudanças globais e vivenciam inúmeros sentimentos durante a gravidez.

Pesquisadora Responsável: Camila Mei Janikian

Supervisora: Profa. Marisa Vicente Catta-Preta

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(FACHS - PUC-SP)

Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo/SP. Edifício Cardeal Mota - Sala T52A - CEP 05014-901- São Paulo (SP) - Tel: (11) 3670-8000
e-mails: camilajanikian@gmail.com / mvcpreta@pucsp.br

Telefone pessoal da Pesquisadora Responsável: (11) 94165-1503

Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP-PUC/SP)

Rua Ministro Godói, 969 - Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C - CEP 05015-001 - São Paulo/SP - e-mail: cometica@pucsp.br - Telefone: (11) 3670-8466

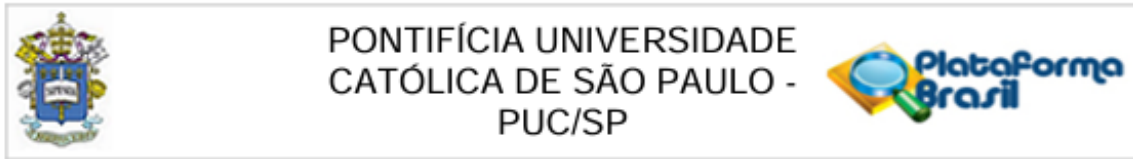
CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado(a), concordo em participar da pesquisa “Sonhos de Gestantes: uma Análise de Relatos Oníricos Sob a Perspectiva da Psicologia Analítica” como sujeito (entrevistado-depoente). Fui devidamente esclarecido(a) pela pesquisadora Camila Mei Janikian sobre a pesquisa, seus procedimentos, e os possíveis riscos e/ou benefícios envolvidos na minha participação.

Local e data: _____

Assinatura: _____

ANEXO 2: PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 7.484.604

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2444424.pdf	04/01/2025 13:32:01		Aceito
Outros	Autorizacao_para_realizacao_da_pesquisa.pdf	04/01/2025 13:31:19	Camila Mei Janikian	Aceito
Outros	Oficio_de_Apresentacao.docx	04/01/2025 13:18:14	Camila Mei Janikian	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Camila_Mei_Janikian.docx	13/11/2024 21:58:03	Camila Mei Janikian	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	13/11/2024 21:51:54	Camila Mei Janikian	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TCC_Camila_Janikian.docx	31/10/2024 18:01:38	Camila Mei Janikian	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_Merito_Academico_Camila_Janikian.pdf	31/10/2024 17:58:44	Camila Mei Janikian	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 03 de Abril de 2025

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

ANEXO 3: QUESTIONÁRIO INICIAL

Questionário – 1º encontro

Nome da participante:

Idade:

Data:

1. Em qual mês/semana da gestação você se encontra no momento da aplicação deste questionário?
2. A gestação foi planejada?
3. Passou por alguma intercorrência ao longo da gestação?
4. Qual a sua relação com seu/sua parceiro/parceira? E com seus familiares?
5. Durante seu período de gestação, teve uma alteração na sua quantidade de horas dormidas?
6. Durante seu período de gestação, como foi seu sono? Você observou alguma modificação nesse período na qualidade do sono?
7. E em relação ao despertar noturno? Ao longo desse período de gestação, quantas vezes você tem acordado durante a noite?
8. A quantidade de vezes que você desperta durante a noite na gestação se difere do período pré gravidez?
9. Durante a gestação, você tem acordado descansada?
10. Como tem sido o ambiente onde você dorme durante a gestação? Tem muito barulho? É escuro?
11. Você costuma lembrar dos sonhos com qual frequência?
12. Você tem o costume de anotar os sonhos?
13. Você costuma conversar sobre seus sonhos com alguém?
14. Já fez psicoterapia em algum momento da vida? Se sim, chegou a falar sobre seus sonhos?
15. Você percebeu alguma mudança nos conteúdos dos sonhos e/ou nos tipos de sonhos que você costuma lembrar durante a gestação?
16. Há algum tema recorrente em seus sonhos durante a gestação que você já tenha percebido?
17. Teve algum sonho que você teve ao longo da gestação que te impressionou? Se sim, qual e por quê?
18. Já teve algum sonho antigo que se repetiu ao longo da gestação?
19. Há algum personagem e/ou algum elemento que apareceu em mais de um de seus sonhos ao longo da gestação?
20. Ao relembrar os seus sonhos, você diria que eles têm começo, meio e fim?
21. Você tem alguma expectativa em relação a sua gestação?